Jornal das Moças

Anno II ✳ Num. 21
✳ 15 de Março de 1915 ✳

PHOTO-BRAZIL ✳
A. CARVALHO

Mlle. Margarida Brêtas Carmo

CARNAVAL NO CEARÁ

Clubs carnavalescos formados pela elite da cidade de Fortaleza, em visita ao Palacio do Governo. Ao centro, em toilette branco, d. Maria Lina Barroso, digna esposa do Presidente do Estado

FOLHETIM 20

JULES MARY

AMO-TE

Segunda parte

«Que ha no fundo de tudo isso? Mysterio. Supponho que o drama de Rochevaux palpita ainda em suas recordações... Enganar-me-ei?»

—Amará ainda ella e sempre o senhor de Montbriand?

—Disse eu isso por ventura? Não. Podeis estar tranquillo. Ella tem soffrido bastante por esse lado para não pensar nisso senão com terror. Não procurará subir mais essa profunda corrente do mar de sua vida.

«De resto, meu caro Turgis, esta lei de divorcio afasta d'entre vós e Genoveva os ultimos obstaculos que vos impedia falar de coração aberto.

«Por mais bem disposto que elle seja a vosso favor, o pae Trinque não tem mais voz no capitulo. Por exemplo, si elle fôr consultado, podeis ficar certo de que elle votará a vosso favor e com as duas mãos.

—Eu julgava.. Haviam-me dito que a senhora de Montriand, depois de sua absolvição, se tinha encerrado aqui, sem ver e sem receber ninguem. Outros, que não eu, ter-se-iam approximado della?

—Não... quanto a isso, Turgis, eu vol-o juro!

O joven magistrado respirou, alliviado. Um momento antes elle estava desesperado.

—Interrogarei a senhora de Montbriand, disse elle.

—Um conselho. Não vos apresseis. Gato escaldado!... Não gasteis vosso tempo. Ella se vae esquecendo na calma monotona da vida que lhe dispuz. Não a despertels assim tão bruscamente.

Entretanto não foi Genoveva a quem elle interrogou em primeiro logar.

Tinha receio de ser mal succedido. Bordejava. Não pretendia dirigir-se a ella, como todos os timidos, senão depois de adquirir certeza abaoluta de ser amado.

Uma manhã, chegou logo cedo a Clermaret.

O nevoeiro se tinha amontoado durante a noite sobre as arvores que agora pareciam carregadas de chuva.

Quando o sol, atravessando a bruma com sua flecha luminosa, illuminava o bosqne, todas as gottasinhas desse orvalho brilhavam, semelhantes a diamantes da mais pura agua, gottas de saphiras, de rubis, de topazios, de esmeraldas, de variegados aspectos, da mais viva scintillação, maravilhosamente montados por um genial onrives, na tremula extremidade de uma folha.

Um sopro de brisa, indo até ao fundo do bosque, sacudio as arvores, donde se despendiam esses chuveiros de perolas transparentes que cahiam sobre as folhas mortas numa crepitação suavissima.

Mas, bem depressa, no alto, novas gottas substituiam as que tombavam, vindas do nevoeiro como de uma mina inesgotavel.

Ellas esperavam um outro raio de sol para encher-se de brilhos phantasticos e novo sopro de brisa para cahir como as suas irmãs já desfeitas.

Cada folha das grandes arvores, cada folha dos arbustos, dos olmeiros, das betulas, das acacias; cada folha dos moitaes de azevinhos, dos espinheiros, das aveleiras; cada pennacho de grésta, cada flor de tojo tinha seu rócio nocturno que o sol ciumento, não tardaria a sugar, chamando para o seu centro de fogo, na sua estupenda força na dilatação, esses raios esparsos pela terra, esses diamantes que delle mesmo emanavam, que fazia viver por instante, para depois descipal-os com seu calor.

Quando Turgis desceu do cavallo em frente a Clermaret, Magdalena passeiava pelo braço de Henriot, no extenso prado, que matisado de arbustos floridos se estendia pelos arredores da casa. Henriot não teve necessidade de dizer a Magdalena:

«Eis o nosso amigo Turgis» Ella tinha escutado e reconhecido os passos do cavallo sobre a areia grossa da alameda de platanos.

O juiz beijou a menina e disse-lhe:

—Tenho necessidade de conversar com Magdalena.

—Commigo? exclamou a ceguinha com acanhamento.

—Sim.

Henriot já se tinha afastado discretamente.

—Magdalena, disse Turgis, eu não quero interromper vosso passeio, continual-o-emos juntos.

A pobresita pensava:

«Que irá dizer-me elle?

E depois em voz alta, voltando-se para o sr. Turgis:

—Eu vos escuto. Em que, por ventura lhe poderei ser util?

—Posso confiar na vossa amizade, Magdalena?

Ella sentiu-se emocionada, tremula, e procurou dissimular, mas apezar dos sens esforços foi com a voz mudada e baixa que ella rospondeu:

—Certamente, sr. Turgis, nem podeis duvidar.

—Desejais que eu seja feliz?

—De todo o meu coração.

—Pois bem, confio em vós e vou fazer-vos confidente de um segredo.

Em consequencia de circumstancias que seria muito longo explicar-vos agora e que não poderieis comprehender, vossa mãi adoptiva póde recuperar sua liberdade e casar-se.

—O sr. Montbriand morreu?

—Não. Porém, vivo ou morto elle não existe mais para a condessa... Eu amo Genoveva... Mas, que tendes Magdalena?

—Nada, sr. Turgis, o que me acabais de dizer eu já o tinha advinhado.

—Ah!

E Turgis olhava a ceguinha com alguma surpreza, admirado da sua perpicacia. Não podia comprehender o que se passava no intimo d'alma daquella menina.

Elle proseguiu em seu pensamento:

—Devo confessar-vos, Magdalena? Estou inquieto... não sei si a senhora de Montbriand me vota mesmo algum afecto...

—Com toda a certeza, senhor Turgis.

—Fala ella de mim?

—Jámais... desde a partida de seu marido.

—E antes?

—Algumas vezes.

—Que vos dizia ella?

Magdalena suspirou, pendendo a cabeça. Seus labios vermelhos tinham perdido a sua amorosa côr. Estavam seccos.

—Respondia ás perguntas que eu lhe dirigia.

—Que lhe perguntaveis vós?

—O que vós ereis, como ereis... joven? alto? bello? vosso porte, vosso semblante, a côr da vossa barba e de vossos cabellos?

—Notaveis vós qualquer emoção em sua voz quando ella se entretinha comvosco a meu respeito?

—Nada, ternura apenas.

—Ah! Magdalena, o amor é um sentimento muito suave e que, entretanto, perturba profundamente o nosso espirito!

«Falo-vos uma linguagem que certamente não comprehendeis, não obstante saber que a subtileza de vosso espirito é superior á vossa idade.

«Cousas não percebidas por muita gente devem chegar até ao nosso espirito. Acreditais que Genoveva me vote amor?

—Não sei perceber bem essas cousas, disse a menina, muito commovida.

—Perdoae-me, Magdalena, si vos dirijo estas perguntas. Ellas têm tanta importancia para mim! Não as ouso fazer á senhora Montbriand. Eu contava que vós fizesseis parte das confidencias de vossa mãe, sinão pelas confidencias que haveis recebido della, ou, pelo menos, pelo que vós com certeza tereis adivinhado.

—E' querer saber de mais, senhor Turgis! Entretanto...

—Hesitaes, Magdalena? disse elle, apertando suavemente as mãos.

— Parece-me que minha mãe se occupa ás vezes de vós. Outr'ora, quasi sempre o vosso nome errava sempre em seus labios...

Era a mim que ella sentia prazer em dizer e repetir... porque era eu... que lhe falava a vosso respeito... a miudo tambem.

« Depois que estamos em Clermaret, ao contrario, cada vez que eu lhe perguntava si vós havieis escripto, ficava sem me responder... e bem de pressa tratava de falar sobre outra cousa.

— Vêdes bem, não é? ella amava-me.

— Ignoro-o, senhor Turgis, disse a céga, a refrescar os labios seccos com a ponta da lingua... mas no dia em que apparecestes imprevistamente, ella experimentou uma forte emoção. Evidentemente, vós tendes um espaçoso logar em sua vida... mas quanto ao amor, não deve elle occupar o espaço todo?

— Sim, Magdalena, o amor não tolera rivalidade.

— Mas então, senhor Turgis, vós tendes um rival.

— Qual? Quem acreditaes que seja?

— Como o direi? Como explicar o que eu adivinho, definir o que sinto?

« Minha mãe continúa triste. Ella fica horas seguidas silenciosa; percebo ás vezes que ella abafa os seus suspiros.

« Duas vezes, abraçando-a, senti rolar-lhe lagrimas pela face. Temendo inquietar-me, ella poz-se a rir, mas era tarde. Eu não disse nada, mas essas lagrimas foram sorvidas pelos meus labios e seu amargor viera cahir em meu coração.

— Ella chora?

— Nem sempre. A's vezes o Sr. Trinque procura chamal-a a si e animal-a. E é tão bom ouvil-o! Ha tanto tempo, ha tanto tempo...

— Não vos confiou ella a razão da sua tristeza?

— A mim? Não, meu Deus! Supporá ella por acaso que eu a tenha sorprehendido?

— Ella chora! Ella chora! repetia Turgis. Não é então feliz? O passado... sempre o passado...

Ella vê que Magdalena lhe aperta o braço. Elle pende a cabeça.

— Olhae mamãe que abre a sua janella, disse ella sem nada ver, sem mesmo levantar a cabeça; todas as manhãs ella desce para o prado. E' hora. Quereis que...

Ella parou, levou as mãos ao peito.

— Eu passo mal! disse ella com fraca voz!

— Que tendes, querida menina?...

— Nada... Está acabado... Não fiqueis inquieto... E' nervoso... Talvez seja por causa do nevoeiro, não é verdade?

— Sim, mas o sol apparece e desapparece.

— O sol! As grandes arvores verdes todas floridas, como é bello tudo!

— Pobre criança! Mas ides propor-me alguma cousa?

— E' bem ousado, talvez. Quereis que eu diga á minha mãe o que me acabais de dizer? Eu a prepararei desse modo para a especie de entrevista que desejais ter com ella. E isso vos dará coragem, pois me parece que é isso o que vos falta.

— Adoravel criança, murmurou elle, que poderei fazer para agradecer-vos? Adoro-vos ha tanto tempo, como si me fosseis uma irmãsinha. Minha affeição inteira vós a conquistastes de uma só vez.

— Sinto-me feliz por isso, senhor Turgis, nada mais peço. Eis ahi minha mãe. Deixae-me a sós com ella, si me fazeis esse favor.

Elle affastou-se por baixo dos grandes carvalhos sob cujas sombrias cupulas erravam alguns raios de sol matinal.

Magdalena esperava. Genoveva veio juntar-se a ella.

— Eu te julgava em companhia do senhor Turgis.

— Effectivamente assim foi.

— Que é delle?

— Foi embora. Elle tem medo de ti, querida mamãe?

— Que me estás dizendo?

— A verdade. O senhor Turgis explicou-me que tu ficaste livre... que o senhor de Montbriand não é mais ou não será mais teu marido... O senhor Turgis ama-te, e elle desejaria saber si tu tambem o amas... Elle não tardará a vir ter commigo sem duvida para interrogar-me a respeito. Que lhe devo responder?

Genoveva guardou silencio por muito tempo. Essa missão de Magdalena, do modo por que foi executada, a tocava, a commovia. Comprehendia-lhe a infinita delicadesa.

Pelos labios desse anjo, Turgis confessava uma vez ainda o seu amor e dizia-lhe: — O divorcio tornou-vos livre. Amais-me por ventura e quereis ser minha esposa?

Amava-o ella? Que se passava em sua alma?

Porque seu meigo rosto, ha pouco tão sorridente com Magdalena, se enchia agora de sombras? Um desasocego pesava em sua mente. Um desgosto talvez ou, quem sabe? o receio de ser a causa de uma tristeza immerecida?

— Que lhe devo dizer, querida mamãe? dizia a céga.

— Nada. Vou encontral-o no bosque onde vejo que elle se acha. Toma meu braço.

— Obrigada mamãe. Sinto-me doente. Peço-te até permissão para recolher-me á casa.

— E' verdade, tu estás pallida. Sentes-te fatigada? Terás algum pezar? Não estás doente?...

— Não, mamãe, não é nada disto. Dentro de uma hora, eu t'o prometto, isto desapparecerá.

E estendeu a fronte. Genoveva depoz um beijo nos magnificos cabellos negros da filha.

A céga deixou-a, atravessando pausadamente o campo, não vacillando mais, não hesitando e segura de seu caminho. Só uma vez se deteve. Foi para enxugar os olhos.

Ella murmurou:

(Continúa)

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

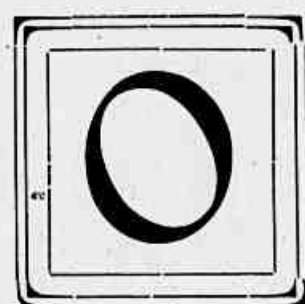
PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis ; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a F. A. Pereira, director e proprietario—Caixa Postal 421.

Redacção e Administração — Rua S. José, 36 — 1.º andar

CHRONICA

O RIO com o seu aspecto deslumbrador de paysagem e com os seus encantos panoramicos, vem nestes ultimos dias se tornando uma cidade dolorosa.

A' noite, no meio do maravilhamento das luzes, os quadros macabros que illustram a vida miseravel das grandes capitaes européas já começam a surgir na nossa mui leal e heroica Sebastianopolis.

O Rio sempre foi chamado a cidade dos mendigos, pela abundancia de individuos que esmolavam exhibindo mazellas ficticias ou autenticas.

Nunca, porém, houve quem o pudesse chamar a cidade — miseravel. . .

Com todos os progressos a fome chegou, porque a fome é tambem uma fórma de progresso. . .

Com toda a miseria contemporanea os sem tecto augmentaram e começaram a povoar os bancos dos jardins, dormindo sob o céo profundo crivado de estrellas, ironicas na sua offerta perenne do ouro do seu brilho.

Para certos espiritos sensiveis, dormir ao relento, num jardim, ao lado de uma estatua linda e haurindo aromas de flores, deveria ser uma delicia.

Para os guardas civis é que não o é em absoluto.

Tanto que elles, violentamente, expulsam dos bancos, a horas mortas, os pobres diabos para quem a noite amarrou a cara nesta terra millionaria e sem albergues. . .

* * *

Um assumpto traz outro.

Falar num aspecto da miseria suggere immediatamente outro aspecto.

Os suicidios que se succedem assustadoramente, quasi que todos os dias, são outra face da miseria que nos vae assombrando. Os sem trabalho matam-se. As moças desilludidas em seus amores desapparecem.

Que um velho, cheio de pezares, que já viveu a vida intensamente, se suicide, comprehende-se: nunca, porém, se poderá concordar em que uma senhorita o faça.

Não ha na vida motivos que justifiquem o suicidio, que é o mais grave simptoma da covardia.

Senhoritas gentis, cuja vida é como o desabrochar das rosas nas frescas manhãs de maio, não vos deixeis empolgar por essa idéa sinistra e diabolica. Amai! Amar é viver, e se assim é, porque deixar o mundo na quadra florida das esperanças, e das encantadoras juras de amor!

Para longe a idéa sinistra!. . .

* * *

A criança que foi abandonada num banco da Santa Casa recorda-nos certas scenas tragicas dos ro-

O carnaval em Sete Lagoas

Senhoritas Alda e Elvira Cannabrava em trajes carnavalescos na cidade de Sete Lagoas, Minas.

A distincta professora d. Luiza Machado, esposa do nosso amigo capitão Horacio Ramos Machado

mances de capa e espada de Montepin ou de Ponson du Terrail.

A criança ficou, com o signal no pescoço, a espera das almas caridosas, e a senhora que a abandonou não deu mais signal de si?...

Seria ella a mãe da criança?...

Quem sabe?...

O que é indiscutivel é que nem sempre os romances de capa e espada mentem. E ahi está uma prova vigorosa em contrario...

* * *

Quando o *Moulin Rouge* de um sujo bairro parisiense habitado por gatunos e michelas delambidas, pegou fogo, a nossa imprensa falou tanto, lamentou de tal modo a perda desse glorioso *café cantante* que os brazileiros que nunca foram a Paris deveriam ter ficado espantados.

Depois de todos esses necrologios sentidos vem-nos aos labios uma pergunta:

— Porque não nos naturalisamos francezes?... Porque não offerecemos a nossa terra aos francezes que tanto nos deslumbram?...

Dizemos isso, certos de que o *Moulin Rouge* desapparecendo lambido por um incendio, nos commoveu mais do que si um exercito de barbaros reduzisse a cinzas a nossa unica Bibliotheca Nacional...

* * *

E' o que se póde chamar uma quinzena tragica essa que findou...

A arte de ser elegante

II

DECIDIDAMENTE o Rio é a cidade dos grandes contrastes em materia de elegancias.

Embora o sr. Paulo de Gardenia, que na *Gazeta* desempenha as funcções elevadas de André de Fouguière, indigena, se esfalfe prelicando sobre gestos e attitudes, parece que ninguem o ouve. E' o que se pode concluir da variedade de maneiras da nossa gente.

E não resta a menor duvida que os elegantes têm razão. O que elle quer é a *prussianisação* da elegancia.

Quer os elegantes arregimentados como os bravos soldados do Kaiser...

Emquanto o talentoso escriptor clama no deserto, a nossa elegancia caminha de vento em pôpa...

* * *

No inverno (d'aqui) é commum encontrarmos nos dias de sol, dias suaves que parecem de primavera, as ruas cheias de gente vestida de branco.

As roupas leves saem nessas occasiões dos seus esconderijos e vêm brilhar nas ruas.

Como explicar essa anomalia, quando, justamente nos dias caniculares deste verão que parece não querer acabar mais, vemos a maioria dos cariocas mettida em grossas roupas de cachemire, só faltando os abafos em pleno dia, á hora do sol violento?...

* * *

Não resta a menor duvida, sobre as nossas predilecções. Não é razoavel porém esse nosso descaso. Já não se trata de elegancia. O nosso assumpto é mais sobre o conforto da inclementaria. E no verão devemos usar roupas leves, de linho, de gaze, de crepe da China.

Já que não seguimos a risca os preceitos binoculares do sr. Gardenia, devemos ao menos não atrapalhar mais as nossas atrapalhadissimas e mal definidas estações...

Ivonne.

As gauchas, senhoritas Sibylla, Aracy e Stella Santos e sua amiguinha Guiomar Coense, em trajes carnavalescos

NOTAS MUNDANAS

Anniversarios

A ephemeride do dia 24 marcará a auspiciosa data do anniversario natalicio de mlle. Chiquinha Borges Pacheco. A graciosa e distincta anniversariante receberá nesse dia uma alluvião de abraços e outras manifestações de simpathia, tal o grande numero de suas amiguinhas.

Completou a 5 do corrente mais um anniversario natalicio o travesso Claudinier Fernandes Pimenta, filho do snr. Imperralino Fernandes Pimenta e d. Izaura Pimenta.

O pequerrucho anniversariante solemnisou essa data augmentando copiosamente o seu activo de travessuras.

No dia 6 do corrente mez fez annos o snr. Oscar Moreira de Souza, auxiliar de despachante geral da Alfandega. Em sua residencia houve uma festa a qual compareceram muitos amigos e parentes.

As danças prolongaram-se até pela manhã, com grande animação.

O poeta Renato Lacerda recitou algumas poesias de sua lavra, e o nosso companheiro Murillo Nery fazia *a la minute* as illustrações respectivas com muita facicidade.

No dia 20 completa mais um anniversario natalicio a gentil senhorita Olga Alves, um dos bellos ornamentos da elite social da florescente cidade de Parahyba do Sul.

No dia 27 de fevereiro completou mais um anno o nosso distincto amigo, sr. Osorio Palmella Bastos, digno funccionario federal na Repartição de Obras Contra a Secca, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, e prestimoso representante do *Jornal das Moças*.

Apresentamos, ainda que tardiamente, os nossos cordiaes e affectuosos cumprimentos ao illustre amigo.

Ilhantina Lescano, galante filhinha do pharmaceutico Angelito Lescano, residente em Parahyba do Sul

O nosso amigo capitão Horacio Ramos Machado

Casamento

Realisou-se no dia 4 o casamento do sr. Oscar Dick com a senhorita Zilda Carneiro da Rocha, filha do sr. Arnaldo Carneiro da Rocha, funccionario do ministerio da Agricultura.

Foram testemunhas da noiva, no acto civil, o sr. João Nunes da Silva e sua senhora, e do noivo os srs. Oscar Godoy e tenente Alvaro Jorge.

Serviram de padrinhos, na cerimonia religiosa, o dr. Carvalho Azevedo e sua esposa.

Nascimento

O dr. Souza Leite tem o seu lar enriquecido com o nascimento de um interessante menino, que na pia baptismal receberá o nome de Guilherme.

Visita

Acompanhado do seu digno pae, deu-nos a honra de uma visita a gentil senhorita Carmen da Silva Pontes, dilecta filha do coronel Leovigildo da Silva Pontes, importante agricultor no municipio de Manhuassú, Estado de Minas.

Conferencia

A nossa distincta collaboradora Violeta-Odette realisou no dia 6 do corrente no salão da Associação dos Empregados no Commercio a sua annunciada conferencia sobre o thema: *A mulher*.

Violeta-Odette discorreu longa e eruditamente sobre o assumpto, merecendo da numerosa assistencia uma farta messe de applausos enthusiasticos.

Instruir deleitando

Não é dado a todos ir a Corintho

ESTA phrase significa que nem todos têm a mesma sorte. Naquillo em que alguns encontram facilidade e logram um bom exito, um optimo successo, outros encontram as maiores difficuldades e sahem sempre mal succedidos.

A origem desta expressão é a seguinte:

Havia em Corintho uma moça, chamada Lais celebre pela sua formosura. Ella fazia pagar tão caro áquelles que a queriam vêr a liberdade de entrar em sua casa, que só quem tivesse muito dinheiro poderia realisar tal desejo.

Demosthenes teve vontade de vêl-a, mas informado do preço que era exigido, desistiu da pretenção. E, despeitado, por certo, teve o desabafo da raposa que não podia alcançar as uvas, e disse então:

— «Não quero pagar tão caro um arrependimento.»

Cantico de Simeão

— Posso agora entoar o *cantico de Simeão*...

Isso traduz o enthusiasmo, o contentamento que experimentamos diante da realisação de um acontecimento longamente esperado; quando vemos, por exemplo, realisar-se um desejo que ardentemente nutriamos.

Havia em Jerusalem um velho, um santo velho, de nome Simeão ou Simeon, a quem tinha sido revelado que não morreria sem ver o Salvador.

Um dia, por um presentimento, por um desses desejos que temos sem saber porque, mas que os entendidos explicam como sendo uma intuição, foi ao templo.

Nesse dia exactamente José e Maria tinham levado Jesus a Jerusalem para o apresentarem no templo afim de offerecerem o sacrificio prescripto, segundo a lei.

O velho Simeão toma Jesus nos braços e transportado de enthusiasmo exclama: *agora, sim, posso morrer*: já vi o Salvador do mundo e a gloria de Israel.»

Eis a origem da phrase.

Todos nós temos um desejo que fazemos delle o pomo da nossa felicidade e a razão dos nossos esforços na vida.

Praza aos céos que as minhas leitoras... e eu tambem, possamos um dia, a respeito desse anhelo, entoar o cantico de Simeão.

MLLE. MIMI.

o

A vida matrimonial consiste, o mais das vezes, na laboriosa digestão de um ideal.

Grupo de amigos e pessoas da familia do capitão Pinho Bastos, no jardim de sua residencia

Senhoras, senhoritas e amigos do sr. Oscar Moreira de Souza (ao centro) que assistiram a festa de seu anniversario

Paginas do Coração

II

O FOGO é o symbolo da destruição e do soffrimento eterno.

E', estorcendo-se dolorosamente nas chammas vingadoras, que as sombras dos tyrannos espiam as suas culpas e os seus delictos perpetrados.

E' elle que, nas guerras, ao seu rubro e sinistro clarão, leva a morte e o anniquilamento ás hostes inimigas.

Os mais bellos monumentos, as mais raras preciosidades, desapparecem rapidamente envolvidas nas linguas desse elemento terrivel e pulverisante.

Quando os habitantes da Pentapolis Maldicta haviam aggravado ao céo com os seus inconcebiveis peccados, foi o fogo escolhido pela Divindade, para instrumento da colera celeste...

Vulcano e Vesta, são as divindades do fogo consagradas pelo paganismo.

Vesta, tinha um templo em Roma, onde as Vestaes — virgens pudicas — alimentavam, se revesando, noite e dia, o fogo sagrado.

Vulcano, era o forjador do raio e o raio é a arma de que Deus lança mão para punir a soberba dos homens...

Mas o fogo tambem vivifica. Elle reanima todos os seres que a natureza procrêa, porque delle vem o calor e o calor é um elemento imprescindivel á existencia.

A salamandra, quando desfallecida, quasi a morrer, recupera nova vida quando lançada á chamma ardente dos brazeiros!

Pasmosa manifestação da vida! Insondavel mysterio da natureza!

***

Querida. Quando me sinto desfallecido, quando a existencia me parece fugir assoberbada por tantos soffrimentos, minh'alma ao calor do teu corpo, á chamma ardente do teu olhar, sente, semelhante á salamandra, que a vida se lhe duplica!

E sabes por que?

Porque todas as minhas aspirações, toda a minha gloria, toda a minha existencia, emfim, se resume no fulgor dos olhos teus, onde crepita o fogo do amor, que, para mim, como o fogo do templo de Vesta — não se extinguirá jámais!

ROSAES SADI.

A mulher tem dois deveres dos quaes não póde livrar-se impunemente; ser boa e ser bella. O cumprimento deste segundo deve ser sempre possivel quando tenha plenamente cumprido o primeiro.

O galanteio é um dever quotidiano da mulher: elle é o perfume do amor e o sol do matrimonio.

Exposição Parreiras

II

ANTONIO Parreiras e seu filho Dakir abriram no sumptuoso salão principal do palacio das Bellas Artes a sua exposição de quadros.

De Antonio Parreiras, o nosso maior pintor vivo, muito tem dito os criticos verdadeiros, e os critiquelhos de arribação mais ainda têm murmurado...

Parreiras nunca se deixou ficar estafermado a um canto, ruminando uma gloria alcançada com alguns quadros lindos, como têm feito muitos pintores.

Para elle a gloria foi um estimulo maior.

Trabalhou sempre, e cada vez maiores surgiram as manifestações do seu genio.

Em todas as possibilidades, em todas as modalidades elle nos deu trabalhos admiraveis.

Pintou a paysagem e nella nos deu, vivos e magnificos, os mais encantadores trechos das nossas campinas verdes, os mais surprehendentes fragmentos das nossas florestas emaranhadas e das nossas montanhas cyclopicas.

Da sua actual exposição podemos destacar as telas *Proclamação da Republica Rio Grandense*, *Nouchalance*, *Fleur brésiliène*, *Eau dormente*.

A de mais destaque é sem duvida a *Proclamação da Republica Rio Grandense*, em que tudo é bem feito, desde as figuras movimentadas e nervosas, até a luz baça da madrugada que envolve o ambiente.

Os nús que figuraram no *salon* de Paris mereceram da critica franceza os maiores encomios.

E em todas essas telas Parreiras é ainda o mesmo interpretador dos nossos costumes, da nossa natureza.

* * *

Dakir faz com esta a sua segunda exposição.

O seu progresso é evidente. As suas idéas já estão manifestadas com mais nitidez. As suas figuras,

as suas paysagens, são animadas, vibram no seu colorido ora forte, tonalisado, nuançado, palpitando nas meias-tintas, nas sombras fugazes.

Lassitude é um trabalho digno de nota especial, pela technica com que é feito e pela expressão que anima a physionomia da figura adormescente.

Dernière Cueur como trabalho de genero é bem acabado, e revela em Dakir tendencias para obras de largo folego.

A exposição Parreiras marcou, sem duvida, uma nota de arte fulgurante no momento banal que atravessamos.

o ——— ⊙ ——— o

PLAGIO Mais uma vez fomos ludibriados em nossa boa fé publicando com a assignatura de Antonio S. Rocha, o soneto «O Amor», já publicado anteriormente pela nossa collega *Fon-Fon*, como de autoria do sr. Sotter Nogueira, da cidade de Campos.

Esse facto que nos contraria bastante e difficil de evitar, vai nos obrigar a maior rigor na escolha da collaboração com que somos honrados e que d'oravante passará a ser feita mais cautelosamente.

===o===o===o===

José Borgogne de Almeida não tem ligação alguma com a empreza do "Jornal das Moças".

A mulher e o vinho tiram o homem do bom caminho.

ULTIMOS ECHOS DO CARNAVAL

Senhoritas Guilhermina Ribeiro, Helena Ferreira e Adalgisa Nery Ribeiro, phantasiadas de ciganas

A LUA de mel é tão absurda como seria gastar subitamente, á primeira etapa, todo o dinheiro que nos deve bastar para uma viagem, cuja demora ignoramos exactamente.

O HOMEM que, approximando-se de sua mulher, não sente sahir-lhe do coração esta exclamação: *domine, non sum dignus*, está já no caminho de não mais amal-a.

Senhorita Fernandina, residente em Bella Vista

Jesus e o Cégo

(Para as leitoras do Jornal das Moças)

Encontrando Jesus na estrada um cego
Que procurava caridoso abrigo,
Carinhoso lhe disse : Anda commigo
Em praticar o bem, é que me emprego.

Ouvindo aquella voz, o bom mendigo
Suppoz sonhar, sentindo mais socego,
Talvez ao ver o inesperado apego
Duma alma pura de um celeste amigo.

E perguntou : « Senhor, sois por ventura
Enviado de Deus?! Jesus sorriu-se,
Commovido pediu ao Pae a cura

Para o cego, que quando vendo-o, viu-se
Curado, alegre dobra a fronte escura
Para beijar-lhe os pés . . . Jesús sumiu-se.

Rio, 1914.

EDUARDO J. MIRANDA.

UM SONHO...

A' alguem.

Noite . . .

Ha, em cima, constellações radiosas, brilhos que deslumbram e segredos que se não desvendam nunca...

São os luares desmaiados que infiltram no nosso espirito uma poesia encantadora, e libertos da agitação diurna, podemos rever as saudosas estancias da vida — da vida que a uns passa como um sonho e se extingue rapida, e a outros passa como um pesadelo profundo e demorado . . .

Nossa alma, andorinha prófuga, espalma as azas no ether imponderavel, recortando aqui e alli phantasias singulares; no nosso cérebro passam céleres como nuvens em céo de maio, as recordações sempre renovadas, sempre redolentes de um bem que depressa se extinguio, de uma ventura que se desfaz como o aroma, que se evola do calice tremulo das rosas...

Quantos annos andei a sonhar cousas ideaes e a erguer as vetustas mesquitas da Phantasia?

Não sei, ao certo; apenas do promontorio das minhas illusões vi tudo pequeno e mesquinho, — pequenos os homens e mesquinhas as cousas. Senti-me atordoado pela realidade tangivel que mata e embóta, — mata a branca flor do sentimento, embóta a rubra flor das illusões...

Agora, porém, dentro da noite, as eiras pallidas do luar tranquillo vêm me despertar desses amavios, perigoso philtro que conseguio empolgar toda a minha organisação, reduzindo-a á mizeria, que eu attribuia, outr'ora, aos que viviam no mundo real, sem enganos e sem ficções!

Maior se me parece esse estado d'alma quando eu comprehendo que á luz germinadora e fecundante do sól tudo cresce e se desenvolve, tudo se cria e augmenta, tudo se robustece e fructifica, numa eterna lei de successão transformadora : Mal e o Bem — o Mal com as suas tulipas negras; o Bem com as suas rosas brancas...

. . . .

Para onde sigo nesse mar de cogitações? Para onde me conduz essa lutuosa galéra da descrença?

A que socegados sitios irei ter, em colloquio intimo como o meu eu?

Que paizagens frias e somnolentas, sem a luz que vivifica, sem o polychromismo que encanta, sem os tons que deslumbram, irei contemplar ao fim da vida, quando os cabellos brancos me ornarem a cabeça e as rugas das faces infundirem respeito?

Parae, ó resto de sonho que me enfebricita...

Parae!

Amanhã, quando da lua merencoria só restar no céo azul da madrugada o cariz descorado e triste, virá o afan dos longos dias; e então, a mim que vivo na sombra, a mim, que me entreguei á penumbra da vida, restará apenas no espirito a pequena nuvem, a fugir, de um sonho que eu tentei prolongar...

R. M. C.

A Arte da Belleza

II

OUTRO predicado da mulher, que aspira a passar por formosa e completa é a elasticidade ou agilidade physica que é como a alma das fórmas bellas. Isto adquire-se principalmente pelo exercicio, mas ha tambem meios artificiaes de dar grande actividade aos membros, e entre todas as receitas nenhuma excede a seguinte:

Gordura de veado..........	230 grms.
Azeite doce..............	170 »
Cera virgem...............	100 »
Almiscar..................	10 »
Aguardente................	17 centilit.
Agua rosada...............	1 1/2 litro.

Deitam-se a gordura, o azeite e a cera numa vasilha de barro bem vidrado, e poem-se a um fogo lento até que todas estas substancias se amalgamem. Ajuntam-se então os outros ingredientes e depois de tudo esfriado, pode-se fazer uso deste unguento que dá aos musculos uma elasticidade extraordinaria. No dia seguinte é mister lavar-se com uma esponja embebida em agua fria.

Sendo o rosto o espelho da alma, requer-se, para que elle seja bello, primeiro que tudo que esta o seja tambem. Essa casta e deliciosa actividade d'alma, essa energia de espirito, que dão animação, graça e luz viva á organisação são as verdadeiras fontes da belleza feminina.

E' isso que exprime eloquencia na linguagem dos olhos, que lança sobre as faces a mais suave mantilha rosea, que illumina toda a pessoa como se o corpo mesmo pensasse.

Assim é, mas sobre isto nada póde a arte. Alguma cousa póde, porém, sobre os accessorios, e é o que vamos vêr.

Ninguem desconhece a importancia do colorido. A fronte, o nariz, os labios pódem ser imprehensiveis pelas dimensões e pela fórma, e entretanto, mal passarão por bellos sem uma tez brilhante, e os mais esplendidos olhos perdem metade do seu poder num quadro sem expressão.

Ora, tudo o que fica dito a respeito da pelle póde aqui repetir-se, accrescentando, todavia, alguns modos de conservar e abrilhantar a tez. Muitas elegantes de Paris costumam neste intento pôr no rosto, ao deitarem-se, fatias delgadas de carne crua, que preservam das rugas e dão a tez frescura juvenil e brilho. A celebre madama Vestris nunca se mettia na cama sem untar o rosto com o ingrediente, de que dei aqui receita, e que effectivamente lhe conservou uma tez magnifica até mui avançada idade.

Tomem-se quatro claras d'ovos cosidas em agua rosada, meia onça de pedra hume, igual porção de oleo de amendoas doces, e bate-se tudo junto até tomar a consistencia de massa.

Estendida numa mascara de seda ou cassa esta composição não só impede as rugas da pelle, mas tambem é remedio efficaz quando esta principia a tornar-se molle e a adherir menos aos musculos.

Lourdes, Cecilia e João
nossos amiguinhos, leitores do *Jornal das Moças*

Além desta massa, póde-se com summa vantagem lavar o rosto com uma tintura de benjoin precipitado pela agua, receita já conhecida em geral desde o tempo da corte de Carlos II, da Inglaterra.

Nada mais facil do que preparar esta tintura bastando tomar pedacinhos de gomma e de benjoin e cosel-os bem em agua. Quinze gottas lançadas depois num copo dagua dão uma mistura que se assemelha ao leite e exhala um perfume agradavel.

Esta deliciosa ablução chama ás fibras exteriores do rosto a corrente purpurina do sangue, dando assim ás faces uma linda côr de rosa. Deixando-a seccar na cara torna-a clara e brilhante a pelle, sendo ainda remedio excellente contra as manchas, as sardas, as pustulas e as erupções que não forem de data muito antigas.

(Continúa)

Panchita Montez.

No artigo anterior fiz referencias a minha tia, preciso agora explicar que minha tia foi uma distincta matrona que fulgurou nos salões de Paris e desta capital nos tempos do imperio, conservando sempre os encantos de sua belleza. Deixou um precioso manuscripto de onde tiramos estas notas e conselhos de grande utilidade.

QUANDO dois se põem a cantar um dueto, tenham cuidado para não começal-o em tom demasiado alto, de outro modo não chegarão ao fim; a mesma observação vale para o dueto idyllico do amor e mais ainda para o tragico do matrimonio.

Elite carioca

A talentosa professora Angela Vargas

QUAES OS LIVROS que uma senhorita deve ler?... Poesias... Romances... Contos... Resposta facil e difficil. Um criterio seguro deve sempre presidir a escolha.

As modernas novelas, em geral, são prejudiciaes e inuteis, na maioria, pela sua excessiva banalidade. Roubam tempo e não aproveitam.

Porque não lêm as moças os paradoxos suaves e fulgurantes de Oscar Wilde?...

Os versos de Goethe, de Heine, de Uland, de D'Annunzio, de Carlos Maul, de Rossetti, de Olavo Bilac; têm encantos imprevistos, e são limpidos, claros como a agua de uma fonte.

Coelho Netto e João do Rio, são dois artistas da prosa.

E no emtanto as nossas moças têm lido mais até hoje os lamuriosos romanticos e fazedores de modinhas.

Porque?...

Porque ninguem se abalança a indicar-lhes os nomes dos autores vivos ou mortos que devem ser lidos...

Tragedia e Comedia

II

Por que resolvi abrir um Curso

NUM seculo em que as preoccupações materiaes occupam exclusivamente os animos, em que o conforto é a aspiração maxima, justo é que á guisa daquelles, que já tentaram viver da vida interior, da vida de alma e de espirito, ouse evocar, saudosa, a subtil e divina Psyché, — hoje tão desdenhada e despresada.

Que é daquelles tempos ditosos da Grecia, onde a tudo sobrepujava a idéa do Bello?

Que é dos jogos olympicos, que é das representações dos sublimes mysterios de Eleusis?

Ah! tempos formosos e propicios ao espraiar do genio e ao desenvolvimento das idéas!... O preconceito nos era desconhecido e o sentimento do Bello tão caro que até a uma *Phrynéa,* se perdoavam as maiores aberrações...

Nesta época de luzes e de progresso, a luta pela vida torna-se cada vez mais intensa e a selecção natural e fatal ameaça destruir ou antes suffocar os mysticos, os humildes — cujo thesouro é a ara sagrada da alma, onde incensam e alimentam com o fogo do enthusiasmo e da perseverança a aspiração do Idéal.

Hoje é rei o Sport; desenvolvem-se os musculos, o ser inferior, animal em detrimento do ser nobre e altamente consciente.

Ao chegar da Europa, onde me detivera a estudar a Arte Dramatica, aguardava-me desoladora surpreza. Notei que de tudo se cuidava no Brazil, salvo em cultivar a Arte do Falar, transportando-a em seguida á scena, hoje tão paradoxalmente comprehendida. E pretendo justificar-me já.

Porque foi antigamente creado o Theatro senão para corrigir os vicios, ridicularisando-os e encorajar a virtude, enaltecendo-a? Não é meu intuito fazer aqui o estudo evolutivo da Arte de Representar, pois deveria então estender-me longamente sobre as primeiras manifestações dessa Arte, já entre os Iniciados de Hermès no Egypto já entre os interpretes do Drama de Dionysos, na Grecia.

Ouso apenas dizer que o palco tornou-se o apostolo do Vicio, e um dos meios mais poderosos de dissolução moral e social. Haja vista o ardor com que apregoa o Divorcio, na França.

E' mister uma revolução, uma regeneração!

Voltemos ás bellas tragedias antigas, cultivemos de preferencia os classicos, tão prodigos de verdadeiras Bellezas.

Perseguida por essas idéas, resolvi abrir um Curso de Tragedia e de Comedia, onde procuro seguir o methodo de Raul Mounet de cujas aulas fui frequentadora assidua, no Conservatorio Nacional em Paris e de René Alexandre da Comedia Franceza, meu professor.

Minhas alumnas cultivam sobretudo Racine, Corneille, Molière, não olvidando os grandes poetas nossos, de que tão justamente nos ufanamos.

Sejam meus esforços coroados de bom exito e receba minha Idéa o Baptismo cordial e sincero de meus patricios...

ANGELA GUIN VARGAS.

Ruinas e cadaveres

(Vicente Blanco Ibañez)

ACABO de regressar de Paris, depois de uma excursão de alguns dias pelas immediações do vasto campo de batalha. Com o que tenho visto e com o auxilio das minhas habilidades de novelista, poderia confeccionar uma descripção interessante e falsa, do enorme combate que dura mezes, offerecendo-me á admiração dos leitores como testemunha ocular da queda dos obuzes, das cargas de baioneta, do galope estafante de mil cavallos. Outros têm dito mais, tendo visto menos, pois não se approximaram do theatro da guerra.

O que tenho podido presenciar não tem brilho, porém se torna interessante, com o interesse são do verdadeiro.

Depois de uma viagem algo penosa para ir ao encontro da guerra, não tenho podido vel-a.

Não me deixaram passar adiante.

Porém, tenho visto suas espadas, como se dissessemos: os departamentos do pateo, onde têm sua base os baixos mistéres da vida. Tive de contentar-me com que me deixassem vêr os pateos, as cozinhas e outras dependencias da parte de traz.

A viagem lenta e repleta de perigosos incidentes, ao largo da linha de batalha apartado dellas alguns kilometros, ouvindo o continuo troar de uma tempestade invisivel!... O avançar por um paiz em ruinas, que em algumas semanas foi do invasor e agora não tem outros francezes senão os que vestem uniforme!

Os caminhos estão revoltos, com profundos sulcos abertos pelo peso rotativo das peças de artilharia, esmagados, deformados, debaixo do incessante roçar de milhões de solas e milhões de ferraduras.

Mais adeante, um precipicio aberto no solo que corta o caminho, rompendo e desmoronando seus bordos.

E a voz do estalido de um obuz, semelhante a uma cratéra negra e apagada.

No fundo deste abismo, em declive que as vezes, tem dois metros de profundidade por quatro ou cinco de largura, dorme o férreo demonio com as entranhas repletas de explosivo, comtudo. Uma casualidade fatal poderia despertal o.

Outras vezes, seu envolucro de aço tem espalhado seus estilhaços em um raio de centenares de metros. Aqui um cavallo morto; mais além, fusis quebrados; uniformes militares abandonados e ennegrecidos pela chuva; ferros que ficam a oxydar-se, lanças que se curvam como serpentes.

Ao pé duma arvore desvenda-se um quadro vivo: pequenos monticulos de terra escura que apresenta a fresca remoção, uns anonymos, apenas com dois ramos em fórma de cruz; outros com certos vestigios de adorno sylvestre, folhagens que já estão seccas e sobre as quaes se eleva o symbolo christão rematado por um «kepi.»

São os tumulos dos francezes mortos.

UMA «ENTENTE CORDIALE» — Soldados allemães brincando com crianças francezas em uma povoação do norte da França

Como unica lapide que servirá para a identidade dos cadaveres quando a piedade das familias possa ir em busca, os coveiros tem deixado sobre a cruz o «kepi», o sapato ou qualquer objecto do morto.

Demais a mochila que guarda o nome escripto, está ao pé da tumba, como nos enterros medievaes, descançavam o escudo da batalha junto a estatua permanente do cavalleiro de mármore.

Algumas vezes, os kepis e as mochilas formam circulo em torno da cruz rustica. Doze, vinte, ás vezes. Varias capas dos mortos superpostas estão debaixo da delgada camada de terra.

Sopra o vento, fazendo tremer os kepis firmados com uma pedra e as mochilas que pouco a pouco se encostam, como se esmorecessem tambem. Cahe a chuva dia e noite, com a persistencia melancolica do outomno, roendo com seus dentes humidos o panno, o pello, o couro e arrastando a terra com os seus sulcos torturosos. As campas rusticas se desmoronam; a agua niveladora leva os torrões da altura á profundidade. Adelgaçam-se e quebram-se as camadas de barro e musgo; aqui assoma a ponta de um sapato, além um peito arqueado pela funebre dilatação dos gazes e dos liquidos interiores.

Do fundo da terra surgem cabeças espantosamente tragicas; frontes ennegrecidas, cabellos empastados, olhos amarellentos, de uma tristeza horripilante... Basta que a piedade do transeunte, com algumas pás de terra, torne a fazer entrar no mysterio do solo estas visões horrorosas...

Um fetido de sebo, de animalidade graxenta em decomposição, fluctua pelo ambiente, como o perfume natural da terra.

Os álamos que bordam os canaes, muitos delles cortados como por charrúa, pelo canhão moderno; os pequenos bosques de cardos e pinheiros, as cercas em que se destacam as ultimas florescencias do outomno; as videiras floridas; os caminhos recentemente abertos; os campos verdes, tudo exhala este cheiro, semelhante a uma fabrica de velas.

* * *

Pelo campo deserto andam innumeros animaes ariscos e inquietos, que parecem ter saltado com violenta regressão da plascida domesticidade a uma selvageria hostil.

Os cães sem dono, hirsutos, esfaimados, com a cava amarellada e o focinho baboso, uivam ao automovel e o seguem ao largo do caminho, como os lobos da steppe gelada galopando atraz do trenó. Promptamente, saltam pelo caminho fóra e perseguem algo de invisivel com o impulso aterrador da fome. Investem contra as galinhas fugitivas como elles. As aves domesticas que escaparam da aldeia ao cahir o primeiro obuz, se installam nas moitas como nos tempos primitivos do planeta, quando o homem não havia ainda submettido ao seu dominio as especies animaes destinadas á paz.

Cavallos abandonados, uns em pello, outros conservando sobre o dorso o sellim torcido com os seus estribos soltos e tilintantes, mastigam a herva pisada, levantando a cabeça a cada instante, volvendo para todos os lados, sobre o nariz aberto, as bolas de crystal dos olhos, que parecem injectados pela inquietação.

Uns coxeam, movendo-se lentamente em busca de hervas menos secca; outros têm sangue nos flancos ou tremendas feridas no couro, como os cavallos das praças de touros. Alguns que estão intactos, parecem tremer, mal seguros sobre suas pernas, como se ainda existisse em seus nervos uma impressão de medo e de protesto.

Nuvens de moscas elevam-se em torno delles, tenazes e pegajosas, a cada sacudidela do lombo. São moscas azues, ventrudas, repugnantes, que parecem surgir do solo e se agarram gulosamente a todas as chagas do involucro animal, inchando-se de sangue e restos decompostos, passando indifferentes da frieza rigida do morto á morbida tibiez do vivo.

Estes cavallos pastam com relativa tranquillidade entre os animaes errantes que cruzam os bosques, e os corpos dos outros animaes depauperados, semi-mortos, sobre os quaes apoiam as suas ferraduras com egoista indifferença.

Nada temem. Apenas olham o caminho ao sentirem o ruido de uma carruagem ou o passo de um caminheiro, fogem todos em tropel, feridos ou não, uns a galope, outros coxeando com os estribos serpenteando junto ao ventre, ou levando de rastros as correntes que serviram como tirantes dos carretões e as carretas dos canhões.

O monstro se approxima! O ser demoniaco que marcha sobre duas patas!

Nunca voltarão por sua vontade a pastar com este desaffogo, que admiraram em outro tempo, considerando-o superior, e que os arrastou a uma tempestade mais horrenda que as do céo, com trovões e raios mortaes; foi a um choque delle, que cahiram os de sua especie aos milhares e milhares, como as espigas na ceifa.

Esta recordação estremece ainda seu rude systema nervoso; treme de pavor seu pensamento vulgar. O cavallo se considera desde então superior ao homem e foge delle, como as pessoas honestas fogem de uma companhia má.

VIOLETA-ODETTE.

A palavra revestida de brandura tem muito mais força e lustre: e revestida de colera, uma e outra cousa perde. Nada menos se persuade ao proximo, do que o que se lhe intenta persuadir com modo apaixonado ou imperioso.

Max. Orell

A MULHER E O HOMEM

NÃO te assustes, caro amigo, receiando seres dominado por tua mulher, pois, aqui para nós, muito em segredo, sem duvida sel-o-ás.

Somente podes conseguir que ella se conduza com gentilesa, com discreção, de modo que, perante a sociedade tu te possas gabar de seres um marido absolutamente senhor da tua vontade.

E' preciso que seja tal a habilidade de tua mulher que não só a sociedade, mas que tu mesmo, fiques na duvida si és ou não dominado.

Outra cousa não esperes; ambos devem satisfazer-se, principalmente tua mulher, pois quando um homem pergunta a si mesmo si é elle quem domina a mulher ou vice-versa, não ha mais duvida, a mulher é quem o domina.

Devo repetir que todos esses pequenos estudos, só são applicaveis quando ha o amor entre o homem e a mulher.

Si o amor não existe, todo o raciocinio é falso. Os conselhos dos sete sabios da Grecia não lhes traria felicidade.

Onde é que se póde aprender a arte de governar o marido?

Em França ou nos Estados Unidos, não ha difficuldade a este respeito: as filhas seguem o exemplo das mães.

Nesses dois paizes privilegiados, a mulher governa o marido pela ponta do nariz, com a differença todavia, que a americana gaba-se, e é isto um grande erro, ao passo que a franceza fina, não parece disso aperceber-se.

Perante a sociedade esta dirá sempre: « Assim procedo para fazer a vontade de meu marido ». Pobre pequena!

E assim dizendo, olha de soslaio para o marido, parecendo dizer: « Caro amigo, não é essa a verdade? »

E elle immediatamente responde; « Sim, sim, certamente ». Excellente creatura!

A franceza e a americana governam os maridos pela simples razão de que a mulher é mais fina e intelligente que o homem na França e na America. E' a consequencia natural dessa maxima que os inglezes chamam « the survival of the fittest » (o triumpho do mais forte) questão proposta por Darwin na sua Origem do Homem.

Os francezes e americanos são os primeiros a reconhecer a superioridade da mulher sobre o homem, e em casa, elles o confessam sem contrariedade; mas como são homens fóra do lar recordam-se da sua pobre origem e pedem ás suas mulheres que sejam amaveis não os tornando ridiculos.

Em publico o homem pede á mulher que passe em primeiro logar; se entram no elevador elle descobre-se; si no tramway. só ha um logar disponivel, elle lh'o offerece e fica em pé.

Isso não é sujeição, é polidez. Si se encontram na rua, fala-lhe com o chapéo na mão. Porém se a mulher é intelligente, cada vez que seu marido se mostra delicado, ella lh'o agradece,

A mulher que exige, perante a sociedade que seu marido lhe fique sujeito, que recebe suas attenções como obrigatorias e que o trata em publico de modo muito cerimonioso, é uma imbecil.

O principio fundamental da arte de conduzir um marido sem que soffra a felicidade do lar é esta:

Nunca permittir a teu marido mostrar-te menos attenções do que a qualquer mulher de suas relações.

As attenções que delle receberes, agradece-as com a mesma effusão como o farias a qualquer homem que te prestasse as mesmas delicadezas, principalmente em publico.

Nelle falando, nunca digas: « Oh! meu marido, não vale a pena encommendar-me ». Ao contrario, minha senhora, preoccupe-se, e, excepto nos momentos de omissão, conserve-o sempre numa pequena distancia respeitosa.

No dia em que disseres: « Ora o meu marido », no dia em que permittires a teu marido dizer: « Ora a minha mulher », Cupido pega das suas valizas e vôa, e Cupido é tão atarefado. Provavelmente não mais receberás sua visita.

Para dominar o marido, não é necessario que a mulher seja mais espirituosa ou mais instruida do que

Maria Augusta. Maria Lucy e José Agenor
nossos amiguinhos, filhos do sr. M. R. Hollanda Junior, estimado guarda-livros da praça do Ceará

elle, quasi direi o contrario: a mulher muito superior a seu marido, nunca será feliz em seu lar. E' pela finura, o tacto e a amabilidade que a mulher deve governar um marido para que o reino da Ternura não perigue.

As maiores intelligencias submetter-se-ão com felicidade a este governo.

Conheço sabios, homens eminentes nas lettras e nas artes, que são conduzidos como creanças por graciosas mulheresinhas que só têm o talento do bom senso da delicadesa, da dedicação, amabilidade, a alegria e a attracção.

Como essas mulheresinhas, esses homens de genio, são felizes e, sob sua influencia, produzem obras primas.

Se queres governar teu marido, não percas nunca a influencia que sobre elle exerces. Tambem não te excedas, não o fatigues com caricias demasiadas, faz-te antes desejar um pouco. Si o saturares de amor, a propria belleza perderá seu encanto, a influencia enfraquece, elle se fatiga e quem sabe se aborrece.

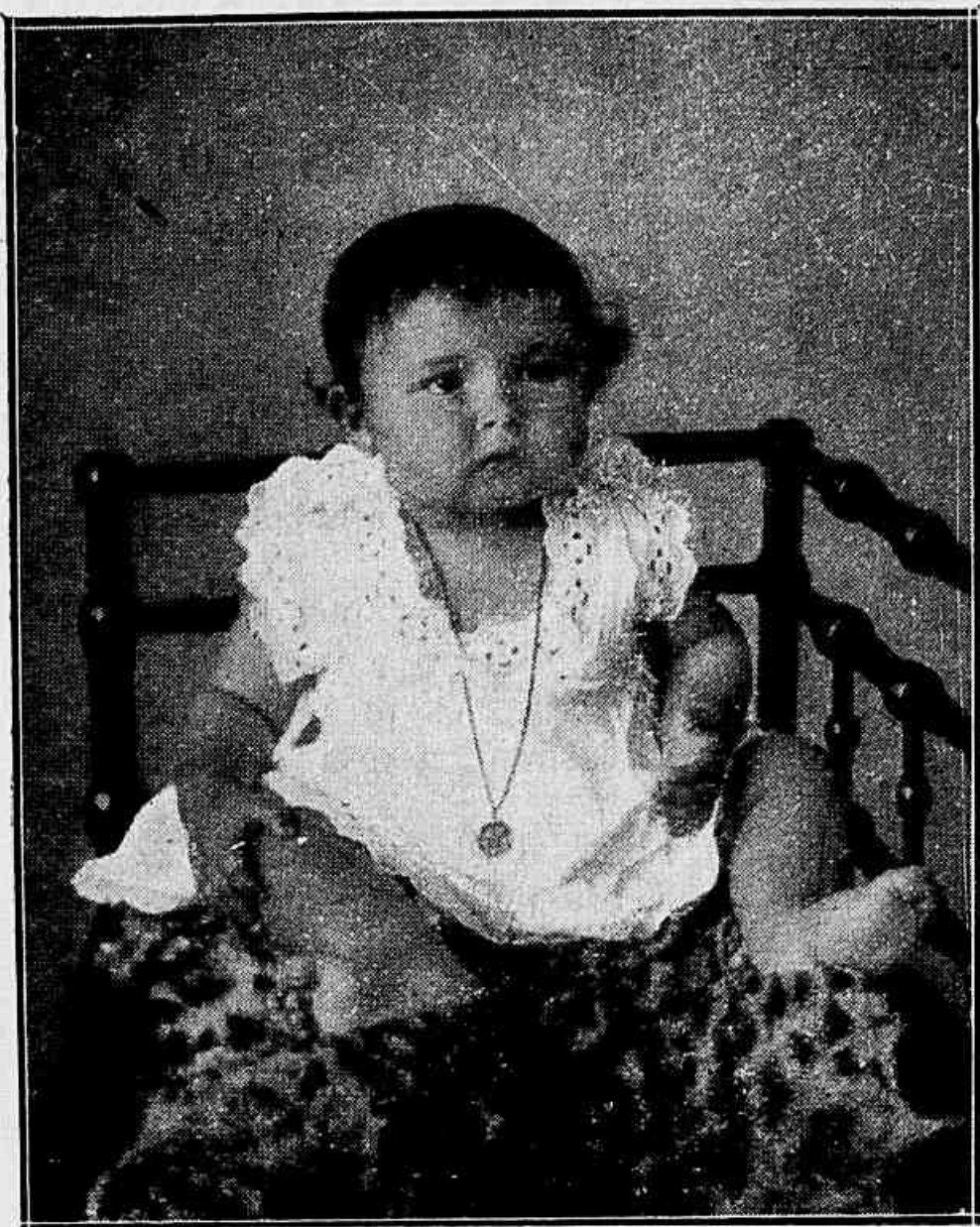
E' conhecida a historia do homem que, na praia, aproveita a occasião de se achar só, perto de uma cabine para collar um olho ao buraco da fechadura e exclama reconhecendo a locatoria: «E' bella minha mulher!»

Sê fina, diplomata, porta-te com elevação para que seja na fechadura de tua cabine que elle prefira collar os olhos.

* * *

A mulher que mais fatiga o homem é aquella que tem sempre razão. O homem revolta-se invariavelmente contra a mulher que nunca reconhece seus erros. Essa mulher póde dar cabo de um homem, mas nunca governa-o, a menos que não seja um imbecil. Uma mulher que sempre tem razão, é uma mulher perfeita... no pensar della. Fugir da perfeição como do fogo. Só na outra vida é que poderemos conhecer a perfeição. Um homem que depois de casado descobre que desposou uma mulher que é uma perfeição, deveria immediatamente divorciar-se.

Como aprecio esta mulhersinha cortez, simples, que vem sorrindo, collocar os braços em torno ao pescoço do marido, abraçando-o e confessando gentilmente, baixinho, ao ouvido, que errou! Como seria bruto esse homem, si não acolhesse em seus braços essa querida creaturinha pedindo-lhe as mais humildes desculpas por se ter conduzido de modo tão detestavel obrigan-

Grupo de senhoras e senhoritas que assistiram ao casamento do sr. Adamastor Lopes e mlle. Jovina de Souza

A galante Jenny de S. Geraldo
filha do dr. Pedro E. Ferreira, nosso assignante, residente em S. João d'El-Rey

do-a a vir confessar que errara! Que ingrato se não levar toda a semana seguinte satisfazendo as menores phantasias dessa mulher. Collocaria tudo quanto possuo no mundo aos pés de uma mulher, se ella a mim se dirigisse para reconhecer francamente que errou.

A maior parte das mulheres vos atordoam e ensurdecem emquanto não ficam persuadidas que vos provaram que fostes vós que errastes.

Para ficar em paz, o homem geralmente responde, sem se zangar: «Sim, sim, querida amiga, tens razão. Como eu poderia imaginar um só instante que te fosse possivel não teres razão? Sim, sim, tens razão». E ella a exclamar: Eu sabia muito bem que acabarias reconhecendo que a razão estava commigo». Esta mulher pensa que governa, ella o aborrece, o amola e quasi sempre acaba fazendo-se detestar.

Para dominar teu marido, age absolutamente á tua vontade, mas affirma sempre que ages segundo os desejos delle. Assim serás habil.

* * *

Alimenta bem o animal, delle farás o que quizeres, depois de um bom jantar.

* * *

Sê bella... para elle. Si não o és, procura sel-o, com intelligencia, para attrahil-o. Se tens que frizar os cabellos e prendel-os em grampos frizadores durante muitas horas, não faz esses preparativos á noite, para amanheceres bella no dia seguinte; fal-o pela manhã, quando elle não te vir, afim de seres bella não sómente durante o dia, porém até o momento em que apagares a luz desejando-vos reciprocamente boa noite.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

PEDRO NUNES. — O seu soneto cultual começa muito bem, mas ha logo na primeira quadra um *por sisões* que nos espantam. E mais adiante vem um *lançae os olhos teus* que nos obrigou a dizer: seu Pedro, estude um pouco mais e appareça.

CLOTILDE REGO BARROS. — Não devolva mais o *Jornal* para a nossa redacção, porque o exemplar que tem recebido não é absolutamente enviado por nós. Só remettemos o *Jornal das Moças* aos nossos assignantes, ou alguem que nol'o peça.

ALMIR DOMINGUES. — Tenha um pouco de paciencia. Estamos com a pasta cheia.

AREV. — Os versos não servem. O postal sairá.

OLIVIA DE SERSATO. — (S. Christovão). «Typos do Haddock»; não está máo o seneto, mas é muito pessoal e não queremos susceptibilisar os seus camaradas.

AMELIA. — Luvas claras. A toilette que V. Ex. descreveu está muito adequada ao acto.

AMELIA NAPOLI. — O seu soneto serve.

LUAR. — O seu «A quem amo» está muito esquisito e muitissimo aleijado. Tenha paciencia, nós não somos muletas...

SABINA. — Apezar de não ser uma das raptadas, a senhora não escreve mal. O seu trabalho é muito longo e anti-typographico. Escreva em tiras, de um lado só...

M. SCISMANDO—Muito frivolo o assumpto; mande cousa melhor.

MARGARIDA.— O seu trabalho precisa retoques e não temos tempo para fazel-os.

FELICIUS MAGNUS.— Na primeira opportunidade serão publicados os seus versos.

M. N. — Não, senhora; espere que elle lhe fale em primeiro logar.

L. CAMPOS—O seu soneto não serve nem o sr. pode pretender escrever, por emquanto, pelo menos, cousas acceitaveis.

Vejam só esta segunda quadra do soneto, é uma *preciosidade* :

«Ser filha *nata* ; mas serás? *donzella*
Ou és um anjo todo de ternura
Que lá do céo desceu para tortura
Dos muitos anjos que na terra vela ?»

Ora bolas, *seu* Campos...

A. C. Almir Domingues (Recordações) e «Despedida» e «Aurora de Amor»); Waldemar B. Magalhães Junior, Eugeny, Inamso, Maritz, Garcia, Arminda, («Nem tu sabes, Amor filial»); Mayrinha, A. J. Teixeira, J. P. Omar, Avellar Vieira, Euricina Dias, Marilia Bittencourt, Alberto Vaz, Candinha, J. Silva, Eurico Porto («Crenças Mortas»), Alvaro de Oliveira, O. Armas, Octavio Dantas, Ed. Gomes, Tasso de Oliveira (*Nair*), Marciano, Eurico D. e Bartholomeu Rago. — Os seus trabalhos não servem.

Desillusão

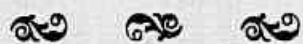
(A' Isa Fontes)

EM verdes prados floridos sombreados por copadas arvores e esguias palmeiras, um joven, bello e de olhos vivos, fronte vasta, corria atraz de uma borboleta de azas azues cobertas de uma poeira de ouro.

O rubor tingia de vivas côres as faces do joven e a borboleta irrequieta, fugia-lhe, deixando os jardins para ir pousar nas tulipas e junquilhos dos vastos campos. Depois de uma correria fatigante, o moço com os olhos esgazeados e a bocca encendida pelo cançaço e pela ancia, apanha-a... Ao contacto, porém, de seus dedos soffregos e tremulos, aquelle pó de ouro cahiu e aquellas azas mimozas se desfizeram e elle viu que a belleza da borboleta não occultava mais que um insecto repugnante; deixou-a cahir das mãos e foi-se magoado, desconsolado e triste pela improficuidade de seu trabalho e pela dôr da desillusão soffrida!

Assim, muitas vezes, uma pobre alma, quasi sempre nobre e digna, bate-se por um idéal; affaga uma esperança que depois vê esvair-se como um tenue fio de fumo que se perde no espaço! Quanta canceira, quanta vigilia por um sonho querido que se desfaz ligeiro como a borboleta azul de azas borrifadas d'ouro! Quanto extase prolongado, quantos suspiros sahidos do seio, com os olhos fitos no Céo! E depois nos vem a razão e reconhecemos que aquillo que era para nós um traço de luz, não é mais que uma illusão! Uma borboleta de azas azues rociadas d'ouro.

Rio, 2—2—615.

AIMÉE.

Entre marido e mulher

— Que pena, diz o marido á mulher que um dia tenhamos de nos separar, arremessados pela morte cada um em sua sepultura!

Ah! exclama a mulher, era tão bom que houvesse um paiz em que se não morresse!

— Era lá, ajunta o marido, que eu quizera acabar os meus dias.

A menina Aracy Ramos
filho do sr. Constante Figueiredo Ramos

O Evangelho dos esposos

Diz o *Daily Express* que todos os casaes que comparecem para se casarem civilmente no juiz em Milwankes, nos Estados Unidos da America, recebem uma lista impressa com os seguintes conselhos dados aos maridos para conseguirem a felicidade conjugal:

Não resingues demais!

Não te apresentes como sendo senhor absoluto!

Não procures te dar demasiada importancia!

Não esqueças quem és nem esqueças quem é a tua mulher!

Não sejas falso, não sejas egoista; não sejas perdulario nem avarento!

Não te esqueças que a mãe de tua mulher é para esta o mesmo que tua mãe é para ti!

Não te esqueças que só é homem ás direitas aquelle que sabe sorrir; mesmo quando tudo vae mal!

Não fiques sempre em casa!

Não consintas que tua mulher reviste teus bolsos!

Livra-te de entreter *parentesco espiritual com outras mulheres!*

Limpa teus sapatos antes de entrares em casa!

Não consintas que tua mulher seja feminista!

As tres flores

Uma flôr me fez presente
De tres flores delicadas
Todas diversas nas côres,
Nas bellezas variadas.

«Qual de nós (me disse a esponja,
Que primeiro a voz ergueu);
Qual de nós te agrada mais,
O jasmim, a rosa ou eu?»

Para falar-te a verdade,
Tenra flôr, lhe respondi,
— Não sympathiso comtigo,
Não gosto nada de ti.

Prezem outros muito embora
Teu aroma lisongeiro,
Não me agrada a tua côr,
Mortifica-me o teu cheiro.

«E qual de nós (disse a rosa)
Preza mais teu coração?
Anda, fala, sem rebuço
Dize a tua opinião.»

«Conheço bem, lhe tornei,
Que te fazem mil louvores,
Que és rainha e tens o sceptro
Do bello imperio das flôres.

Tens bella côr, grato aroma,
E outras graçaa immortaes
Mas ainda ha outra flôr
Que me agrada muito mais.

Amarella como a esponja,
De raiva a rosa ficou,
E o jasmim envergonhado
A côr da rosa tomou.

«Eis ahi porque te estimo
(Para o jasmim diz então
A tua amavel candura
Encanta o meu coração.)

«Não queres ter primazia,
No meio das outras flores
Córas de pejo e vergonha
Quando te tecem louvores.»

«Eis o emblema da innocencia,
Tens a côr da singeleza
Outra flôr igual a ti
Não gerou a natureza.»

1-18-13-9-14-4-1.

Rio-20-11-1914.

SONETOS

A NOIVA!

A' alguem.

Arfante o peito de emoções, lamentos,
Suspiros de soberba magestade,
Chorando ás vezes loucos pensamentos,
Sorrindo ás vezes um esplendor, vaidade.

Ergue a fronte de orgulho aos quatro ventos,
Tão pallida tão cheia de saudade,
Vendo a rival nos seus doces alentos
Beijando a natureza com bondade.

E' de vel-a sorrindo olhando avara,
Da grande lua o lento caminhar
Tão presa, tão attenta no que vê!

E' de vel-a tão bella assim tão clara,
Num extasis de amor sempre a sonhar
Rindo e chorando sem saber porque!

A. B. ALEGRIA.

Paty do Alferes.

ENTRE ARVORES

A Mario Barroso.

Vamos arremedar a Hellade antiga:
— dá-me o teu braço trefega senhora
e sob a luz de Phebo, iriada e amiga,
vamos, Diana e Endymião, selvas afóra.

Eros, o Deus sagaz, mal nos lobriga,
para nos receber acorda Flora,
emquanto Eólo arranca uma cantiga
da harpa dos ramos, dulcida e sonora.

Ha na selva o esplendor do claro Olympo.
O firmamento explendoroso e limpo
alça o prestigio singular de Eleusis...

Nem falta a lympha:—eil-a a correr:—tua bocca!
Abeberando-a numa sêde louca
vibra da estranha vibração dos deuses!

BITTENCOURT DE SA'.

Alto da Bôa Vista, 1914.

SAUDADE

Sobre uma lousa, pallida, amorosa,
Onde a marmorea lua scintillava
Chorosa, meditando se curvava
Uma figura triste e pezarosa.

Erguia a custo a face lacrimosa
Ao estrellado céo que a contemplava
E logo sobre a campa a repousava,
Desfallecida, inerte e vaporosa.

Rifrigerio mostrava que sentia
Quando a funerea lapide beijava
E na suprema dor assim dizia:

— «Oh! tu bem sabes quanto te adorava»!
Assim soffre um mortal nesta agonia,
Quando em vida perdeu a quem amava.

EURETES G. DE RAMOS.

DE LONGE

Todas as tardes, quando no occidente
O sol mergulha a face, enrubecido,
Do varandim da casa em que resido,
Eis-me a fitar o céo, para o nascente!

Tudo me attrahe o coração dorido,
Tudo captiva esta alma evanescente:
O céo, o prado, o sussurrar fremente

Da brisa, no pomar verde e florido!
E quanto mais meu coração se abysma
No labyrintho desta ingrata scysma,

Mais se accentúa o mal que me devora:
Que mais a mais ao peito se emmaranha,
Desde o momento em que parti, Dinorah!

BAPTISTA CAVALCANTI.

VOLTA

... E só! Neste quarto desterrado
Escravo sou do tedio e da saudade
Os felizes instantes do passado,
Certo, de novo dar-m'os ninguem ha de.

E, assim, vou pela vida amargurado,
Na derrota fatal da eternidade.
Segue-me na jornada lado a lado
Velho espectro de vã felicidade.

Na adusta estrada em que eu ha tanto piso,
Eras-me como á lassa caravana
São no deserto as illusões fugazes.

Volta, pois! Quero ouvir o teu sorriso
Em que eu encontro a paz do meu Nirvana,
Esse bemdito e doce e santo oasis!

A. C. MATTOS.

SOCEGO D'ALMA

Ao joven A. A. S.

Que alegres moças juntam as espigas
Que os ceifeiros deixaram de juntar!
Brincando sempre, sempre a trabalhar,
Sempre cantando umas canções amigas!

Ao lodge plange um sino, e ao perpassar
Dessa tristeza mystica, as cantigas,
Deixam-se de escutar, e as raparigas
Ajoelham-se e ficam a resar...

Ai! quem me dera, lindas namoradas,
Existir, como vós, na mansidão
Dos campos, das aldeias socegadas!

Não conhecer do mundo a podridão!
Acreditar nos sonhos e nas fadas
E ter a paz do vosso coração!...

RODRIGUES LEAL.

Valsa
Nirvana
por Jorge Peixoto d'Almeida
Com Elegancia
ppp
ff

NOVIDADES MUSICAES

Edu Neves, *Pierrot e Colombina*—walsa. . . . . . 1$500
Constantino, *Baiser de femme*—schott. . . . . . . 1$000
P. Galdino, *Flausina*—polka (S. D.). . . . . 1$500
Costa Junior, *Não vou p'ra isso*—Tango . . . . . 1$500

Luiz Martins Correia, *Capanga*—one step . . . . . 1$500
Francisco de Freitas, *Amor voluvel*—mazurka . . . 1$000
Carlos Carvalho, *Maria Luiza*—walsa. . . . . . . 1$000
Franz, *Panther*—marche, (S. D.). . . . . 1$000

Lamentos

Ao Egas.

Não sejas ingrato para quem sempre te amou e que havendo jurado amar-te eternamente cumpre fielmente seu juramento embora sob um negro véo de tristeza.

Amo-te muito e muito e emquanto meu coração definha sob o peso de uma profunda saudade, tu retribues com a ingratidão o amor que te dedico.

Se soubesses como é cruel a seita da «ingratidão» não a atirarias assim, no coração da tua pobre Roselys...

Mesmo que fossemos separados para longe, bem longe, nunca nunca de ti se afastaria meu pensamento. Dia a dia amo-te mais. Assim possas tu comprehender esse amor e sobretudo nelle crêr!...

Roselys de Goncourt.

10—2—915.

A' Mlle. Carmen M...

Tendo presente a ingratidão como é doce recordar o passado?! Recorda-te!...

Uma creaturinha tão meiga como póde ser assim agora...

Antoraro.

Botafogo.

A' ...

No coração do homem não existe o amor, mas sim a falsidade. A mulher ama lealmente, e por meio deste doce sentimento, torna-se muitas vezes escrava daquelle que a despreza.

Pierrette.

A' senhorita Helena.

Nesses teus olhos risonhos
— Linda rosa de Agadir
Eu encontrei nos meus sonhos,
Dois brilhantes a luzir...

Para tu saberes bem
Quantos são os meus anhelos,
Conta os fios que ellas têm,
As tranças dos teus cabellos...

N. Portugal.

Ao Abilio Teixeira.

Assim como a rajada do vento arranca sem piedade a mais bella corolla de uma flôr que apenas desabrochou, assim a morte implacavel arrebatou-te a vida na quadra mais risonha, no encantador periodo da mocidade apenas começada!...

Não se deteve ante a dôr sem par dos teus extremosos paes em cujos corações o teu desapparecimento deixa um vacuo impreenchivel!

A quem comprehender.

A trahição de uma amiga é o mais agudo punhal que fere a alma e o coração de quem a recebe. Não ha nada tão vil, tão despresivel como uma amiga trahidora.

A alguem.

Parece impossivel que o homem despreze o amor mais puro, mais desinteressado, por uma mentira, pela mais patente hypocrisia!...

Marilia Bittencourt.

P. Nova.

A alguem.

Como embriaga essa tristeza immensa que a tua voz melodiosa encerra.

Candida.

Nictheroy.

A' Lui...

Ton amour est l'étoile bénite qui conduit le bateau de mon existence, sur la mer tempéstueuse qui s'appele «Vie».

Zizinha Faria.

Botafogo.

A' ...

A fé é uma estrella scintillante que brilha em todos os corações, tendo para cada lagrima um balsamo de consolação e para cada dôr um refrigerio celeste.

Pierrot.

A Senhorita Nair Corrêa.

Fonseca—Nictheroy.

Nada mais triste póde existir, para dois corações que amam sinceramente, do que uma prolongada ausencia!

O teu lindo nome está gravado no meu pensamento; por isso eu de ti não me esquecerei um só momento.

M. Vgg.

Ao S. P.

Era por uma dessas tardes em que o cantar das aves é saudoso e triste; tardes de saudade em que a brisa nos envolve a alma com o manto setineo da lembrança de alguem. Tardes que fazem viver uma saudade e agonizar uma esperança, que a brisa veio siciar ao meu ouvido o doce nome S., quem eu amo, e que infelizmente não sou correspondida.

Sempre-Viva.

Ao Ary.

Agradeço meu poeta, o delinear das tuas phrases inspiradas e sublimes, traduzindo o pezar de que te sentes possuido pelas minhas desventuras!...

Poeta «triste e desolado», esquece as tuas amarguras e as minhas desventuras e caminhemos, ambos, martyres das mesmas vicissitudes por esta estrada engalanada e falsa que se nos apresenta o Amor!...

Embora estejas molestado e triste, lamento comtudo as tuas queixas e as tuas dôres, sem no emtanto, acalentar-te os sonhos porque o *homem*, animal intelligente e máo, para mim findou!...

Sim, meu cancioneiro d'Alma, quando no mysterio da minha recondita tristeza, relembrar aquelle ingrato, dissiparei as maguas, com a leitura desses teus suavisados e bemfazejos pensamentos!...

Adeus e sê feliz!

Magnolia Triste.

Tijuca, 16—1—1915.

A quem me comprehende.

De ti, quero sómente o perdão, na hora extrema da morte.

A minha prima ausente.

A saudade é a hera dos corações amantes.

João Belmonte.

Villa Izabel.

Aos corações que amam.

Não se illudam, almas jovens, com os adejos do Amor!

Amar, não é viver; é soffrer, é anniquilar a Vida com as doces ou amargas Illusões!...

A quem eu sei.

O ciume é uma das melhores provas do amor leal.

Maryinha.

Ao Paulo.

O meu coração é um livro, em cujas paginas está gravado o teu nome.

Dalena.

Para N. A.

Feliz quem tem na terra um peito amoroso.

C. C. S. (Santinha).

Nictheroy.

PANTHEISMO

A' A. P.

HA alacridade por toda a parte. Noiva amada! dá-me a tua mão e vem commigo até o peristyllo de ouro desta manhã radiosa!...

A's fanfarras de luz que cantam nas espheras, juntemos a harmonia do nosso amor bemdito! Afastemos de nós o scepticismo das horas de incerteza e agitemos no altar da natureza em festa o thuribulo das esperanças promissoras!

Vês? A alma das cousas nos convida ás vibrações sensacionaes da vida... O sangue estúa e queima; e a seiva que flue nos musculos contorcidos nos arrasta, a nós e ás aves, aos que habitam a terra e aos que se refocillam nas profundezas dos mares, ás nupcias maravilhosas da procreação universal!

* * *

Partamos. Vamos-nos a sós pelos caminhos...
Ha perfumes no campo e sol pelas alturas,
Cobre a terra um lençol de flores e verduras
E a passarada canta a balouçar nos ninhos!...

Paremos. Onde ir mais em busca de venturas
Si ellas nos veem do céo a flux, em borborinhos!?
Attrae-nos o frescor dessa manhã de arminhos
E o nosso amor recebe as sensações mais puras!...

Fiquemos por aqui nesse recanto amado...
E quando a noite surgir além pela deveza;
E quando o pallio azul ficar todo estrellado,

Desse amor sorveremos o nectar fecundo —
— Na inconsutil mudez de toda a Natureza,
Esquecidos de Deus e esquecidos do mundo!...

....

* * *

Quanta bellesa nesse dealbar de auroras!

Tortura-me o abandonar-te assim... em desalinho... As delicias fruidas nos beijos quentes da mulher amada deixam sulcos profundos no coração e cream saudades tão vivas que só o tumulo as esquecerá!...

A saciedade não vem; e a ancia incoercivel que nos sacode os nervos cresce, avoluma-se e, por fim, se estende avassaladora até estalar a ultima corda das vibrações voluptuosas. Os desejos se requintam.

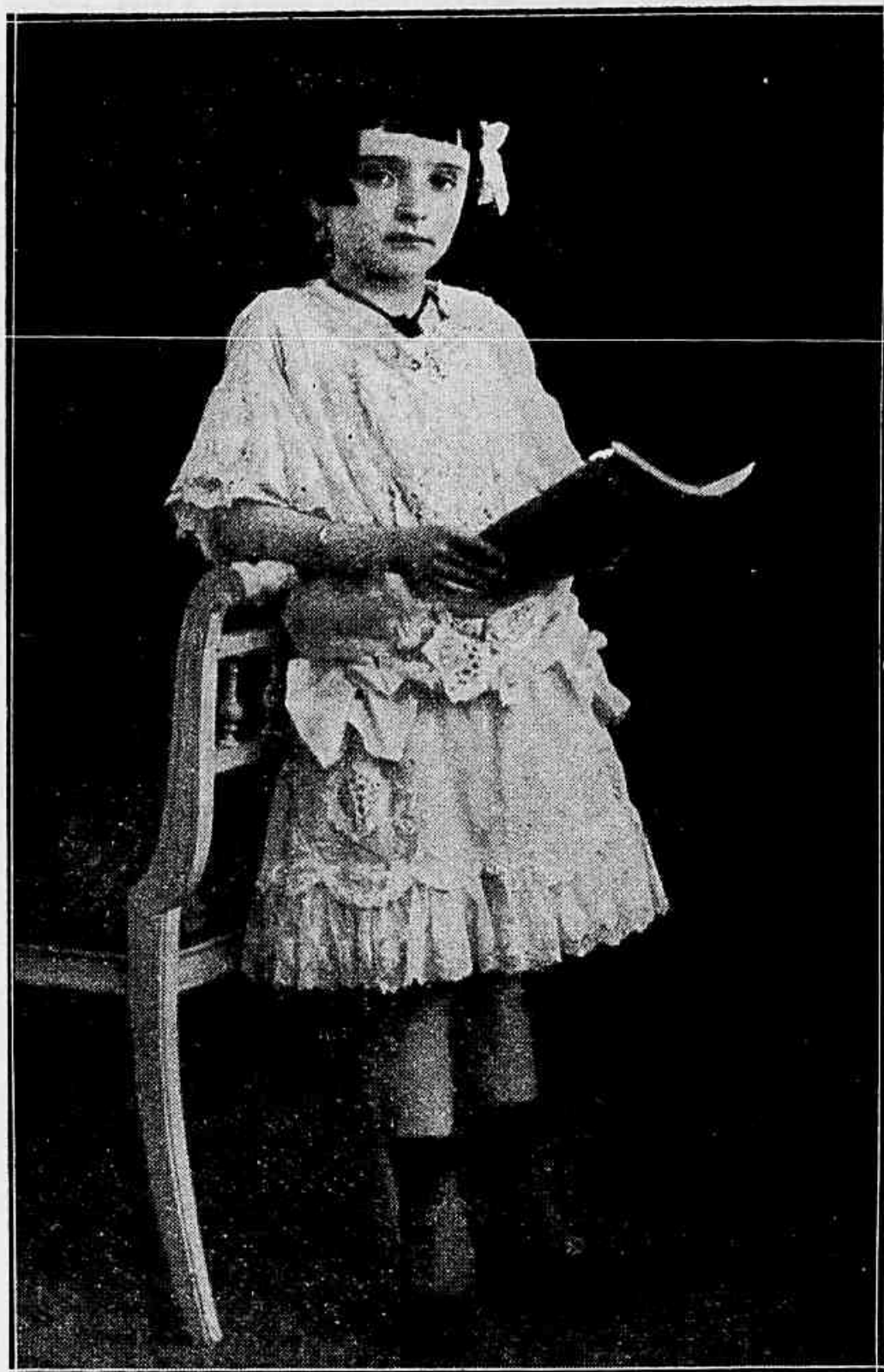
Sacodem o peito soluços estertorantes. A garganta emmudece e os labios, num silencio de spasmo, trancam-se ás respostas confortadoras...

Com a alvorada do amor explodem as hostilidades do coração.

Veio a manhã; veio a noite; e a madrugada já se desenha na claridade dubia de um arrebol indeciso...

Fujamos! Não! Não te deixarei mais! Serás minha para sempre; e hoje como hontem, amanhã como outr'ora, viverás na minh'alma integra e perfeita, perfeita e intangivel como a lembrança redemptora de um sonho feliz que nunca, nunca mais se reproduzirá!...

Rio — Fevereiro de 1915.

WALDEMAR CHAVES VIANNA.

A galante menina Maria Thereza
nossa leitora, filha do sr. Virgilio de Rezende

PRESA DO AMOR

Feliz quem póde amar e ter ensejo
De, tendo a alma offegante e quasi louca,
Dar na mulher amada um terno beijo
No assetinado concavo da bocca.

Porém, tange esta lyra em doce harpejo
Poeta infeliz! que a tua voz é rouca...
Procura debellar este desejo
Que a musa foge e a inspiração é pouca.

Se ella podesse ouvir o meu lamento
Nesta barca sombria e silenciosa
Onde só tenho livre o pensamento,

Vendo-lhe o vulto carinhoso e santo
Minha alma delirante e venturosa
Talvez sorrisse em vez de chorar tanto.

MATTOS GOMES.

O valle da illusão

NO fundo de um valle, que eu gósto de atravessar quando percorro o arrabalde, havia uma casa, nessa casa uma mulher, nessa mulher uns olhos, nesses olhos o radioso olhar da minha doce amada.

Nunca falei á dona dos olhos tentadores e negros, nunca o meu olhar se cruzou com o della e, todavia, gostava de a ver, de a ver todos os dias.

Uma manhã disseram-me:

—«A fada do valle vae casar.»

E eu mandei-lhe uma cesta de flores, perfumadas e frescas, que ella recebeu sem saber de quem.

A fada casou e partiu, levando comsigo o aroma das flores que lhe mandei. A casa ficou deserta, mas eu continúo a atravessar o valle todos os dias, porque a minha amada o habita sempre e sempre eu a vejo naquelle olhar radioso, que a minha retina gravou e guarda.

GARCIA REDONDO.

Ballada

Si conhecesses, morena,
As travessuras do amor,
Ah! nesta noite serena,
Fugias do trovador!

Quantas scismas, quantos sonhos
Encerra esse deus traidor
Nos seus olhares risonhos,
Na voz do seu trovador!

Ah! não surjas á janella,
Rosto de fada ou de flor,
P'ra ouvires, na noite bella,
A canção do trovador!

Que feitiços e que encanto,
Que sortilegios de amor
Pairam na voz do seu canto,
Na voz do teu trovador!

Foge, pois, meiga creança,
Deste canto seductor,
Que anda a ver si o amor te alcança
P'ra entregar-te ao trovador!

Si conhecesses, morena,
As travessuras do amor,
Ah! nesta noite serena,
Fugias do trovador!

SYLVIO

A LAGRIMA

Para o meu amor

A LAGRIMA é o allivio do coração que ama, sentindo as roseas illusões desfeitas pela ingratidão que o mata; é a queixa que elle murmura, principalmente quando soffre.

No momento em que dois corações se separam para longes plagas, sem a esperança de se verem novamente, é ella—, é sempre a lagrima que os atormenta, traduzindo na sua mudez infinita a dôr que delacera aquellas duas almas...

E qual de nós não se commoverá tambem perante essa expressão que vem do imo d'alma, diante dessas gottas crystalinas que, no seu mutismo, dizem tudo!?

O guerreiro, munindo-se de coragem, ao partir para o campo de batalha, não recuará ante o estampido dos tiros, nem o reboar dos canhões, mas recua diante da lagrima affectuosa que desliza pelo rosto da esposa e da filhinha idolatrada!...

Emfim, a lagrima é o idioma do coração que soffre!

E' sublime, rolando pelas faces do soldado distante da patria estremecida, e, tremula, crystallina, deslizando pelo rosto da mãe, que está á cabeceira do filhinho doente, ella parece uma perola... porém a lagrima mais linda, cuja belleza attinge ao apogêo, é a lagrima da donzella que chora a ingratidão do bem querido...

E' a lagrima que a dôr faz nascer no amago do coração e que, em um momento tremeluz e brilha, e cahe como uma estrella!...

LUCILITA.

O teu sorriso ...

A' senhorita Odette.

Em noites de primavera
Irisadas de luar,
A minha doce chimera
Bate as azas... vae voar...
Quando ha estrellas a flux
Vae beber haustos de luz...

Entretanto, linda Flor,
Por entre o aureo fulgor
Daquelles astros sem conta
Dispersos no paraiso,
Nada ha como o sorriso
Que nos teus labios desponta.

Aguas Ferreas.

Lyrio Roxo.

MODAS E MODOS

Felizmente já estamos vendo nas ruas e logares de mais frequencia da elite feminina desta capital, muitas «toilettes» perfeitamente adequadas, na sua confecção, á estação calida que ora atravessamos.

Com effeito, seria ridiculo acompanhar, copiar rigorosamente os modelos que veem das grandes metropoles da moda Paris, Londres e Vienna, cuja situação geographica fazem com que as estações do anno sejam radicalmente differentes das nossas.

Elegantes toilettes para mocinhas

Não ha duvida que Paris, a cidade Luz, neste complicadissimo assumpto — Moda é que dá a nota chic e de elegancia, que repercute em todo o mundo levada nas paginas artisticas das innumeras revistas e magazines de modas.

Isto não impede porém que, procurando um modelo que mais nos convenha, modifiquemos a sua confecção para adaptal-o ás nossas condições climatericas.

E' este justo criterio que parece estar sendo seguido agora com mais rigor pelas nossas gentis e graciosas patricias.

* * *

Os tecidos mais usados actualmente em Paris são a sarja fina e o cheviot, com muitos quadrados pequenos ou grandes de tons « escossez » ; empregados principalmente na confecção dos costumes genero *tailleur*.

E por falar em *tailleur*: não sabemos porque está sendo um tanto despresado, entre nós, este costume, muito adequado ás sahidas durante o dia, para compras, visitas, etc.

E' um traje simples, commodo, elegante e economico muito usado em outros paizes. Aqui no Rio de Janeiro, quasi que só as senhoras estrangeiras ainda vestem o costume *tailleur*.

Apresentamos hoje as nossas gentis leitoras um modelo de *tailleur* modernissimo e muito chic.

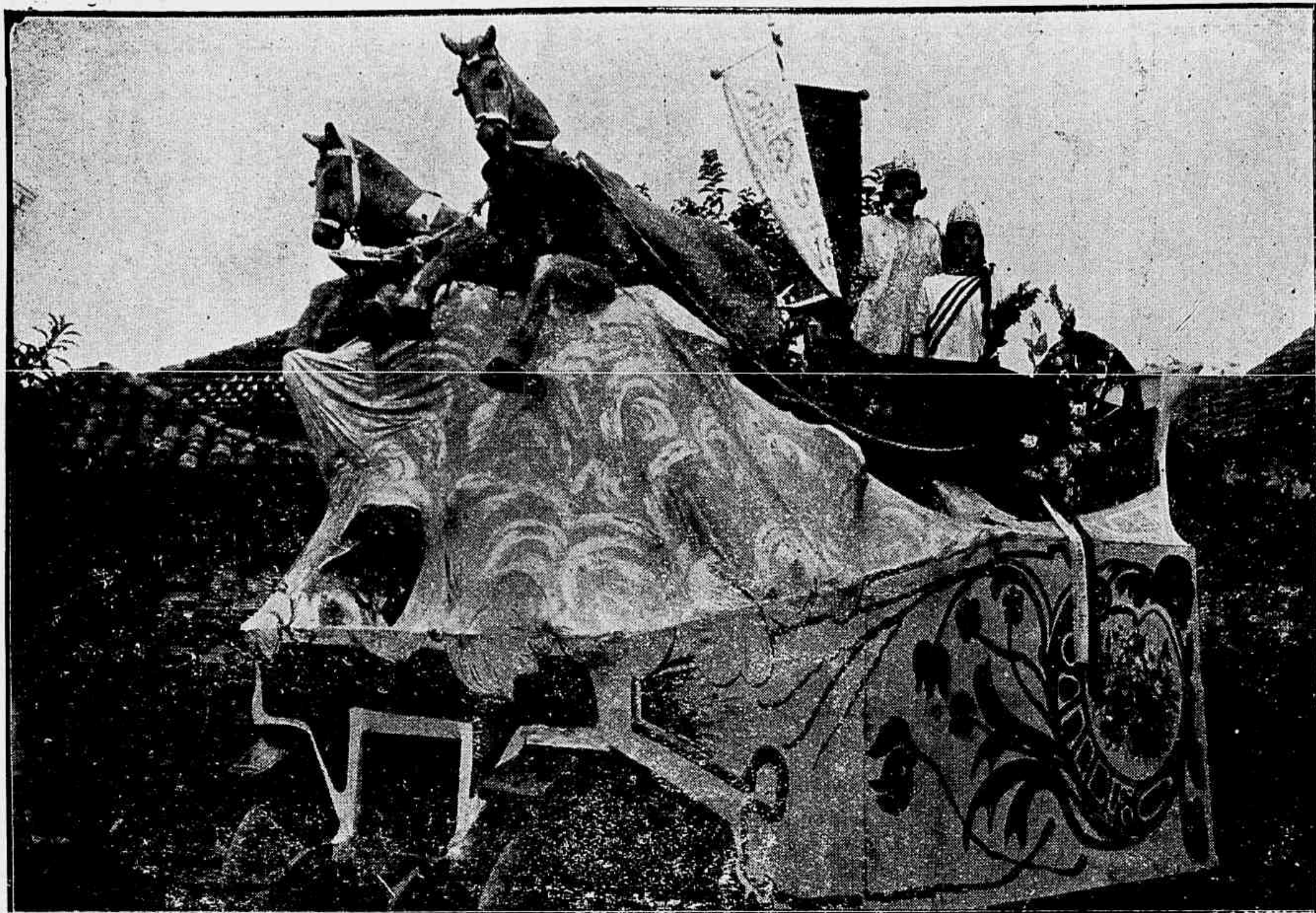
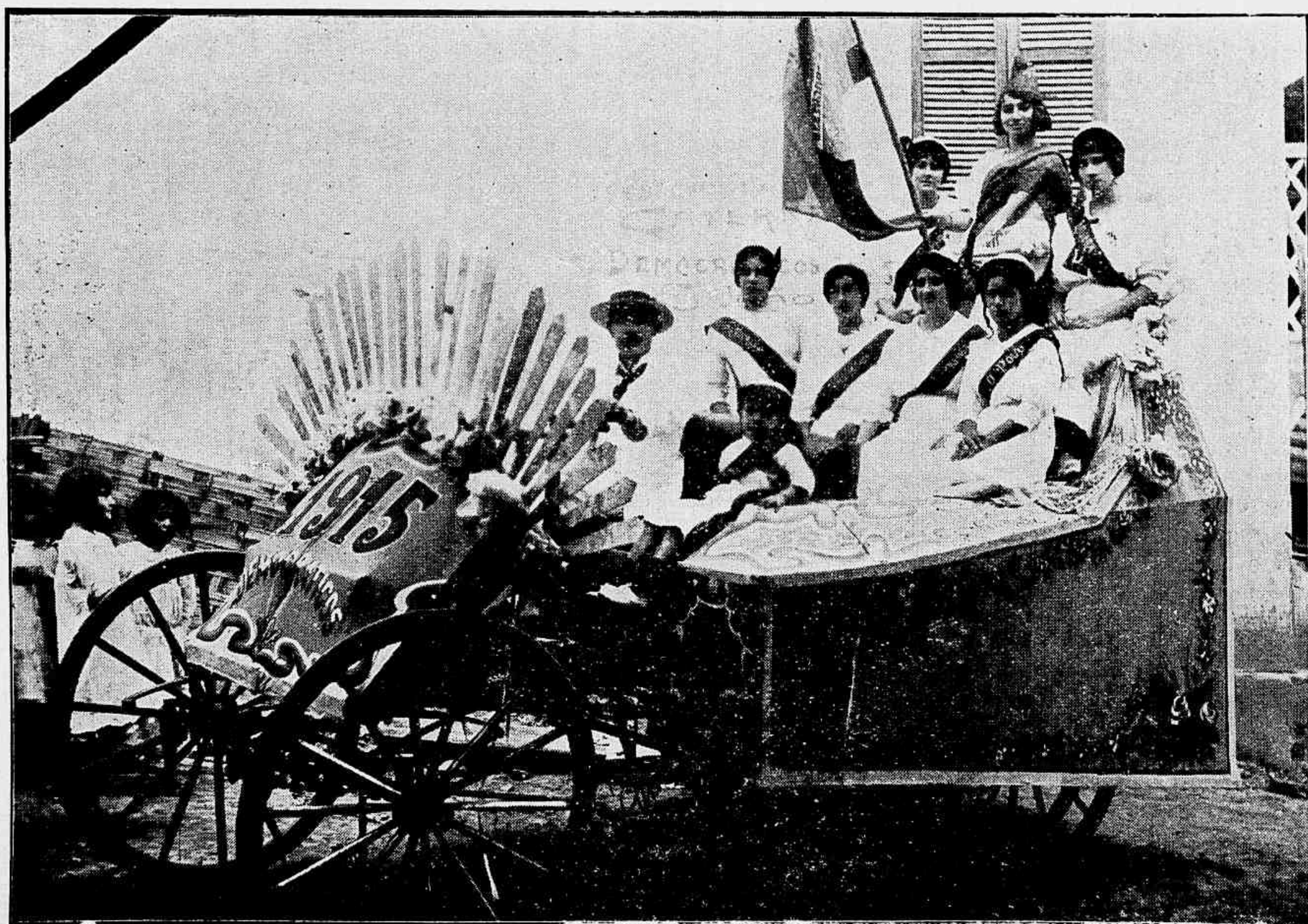
Saia apertada em baixo sem guarnições e a jaqueta, ao contrario, bem guarnecida e abrindo á frente sobre um colletinho; golla virada da mesma fazenda ou differente.

AMELIA.

A evolução da saia-tunica: muda de fórma mas não se alonga.

Vestidos para meninas, simples e graciosos.

OS ULTIMOS CAPRICHOS DA MODA

O Carnaval em S. João Nepomuceno

Carro romano, do Club Carnavalesco Democraticos de S. João Nepomuceno

Carro allegorico — *A Republica* — do Club Carnavelesco Democraticos de S. João

A SERRANA

I

Tal como a flor singela do campo que, accedendo ao impeto fremente do vendaval, pende para a correntesa do crystalino ribeiro, Lalá, a mimosa pastora—soberana dos rebanhos—adormecera languida e tranquilla sobre a verdura de uma collina.

O sol, de uma brandura natural do sol de inverno, já acima das montanhas, em pleno horizonte, açoitára em grande parte as brumas glaciaes e os flócos de neve que, naquella manhã fria, mas agradavel, se distendiam pela amplidão do espaço e do campo, afagando-a docemente, beijando-lhe os eburneos seios, que repousavam indiscretos sob o decóte de suas simples e rusticas vestes, alvos botões de laranjeira entreabertos e expostos á ardente caricia de uma impressão profunda, que ao homem é dado sentir e estudar, mas não definir perfeitamente.

Cleto, o antigo companheiro de Lalá nas lides do campo, era muito joven ainda e folgazão. Ia alegremente pascendo o seu rebanho, solfeijando umas trovas singelas pastorís, quando a surprehendeu alli, na collina, radiante de encantos.

De algum tempo até então Lalá lhe preoccupava o espirito; queria-a muito, com sinceridade. Mas amal-o-ia tambem a graciosa pastora? Ou o repudiaria? Corresponder-lhe-ia com tanto amor quanto elle?

Eram essas as conjecturas que o apaixonado camponio fazia, e a sua imaginação traçava a cada instante a illusoria espectativa de que conseguiria o seu affecto.

Junto de Lalá, invejando o sol e a aura purissima do campo, Cleto se extasiava com a sua imagem seductora e palpitante de vida, acariciado pelo doce effluvio de um sorriso, de uma fantasia, de uma contemplação suavemente religiosa.

Impellido por quanto pensamento dourado lhe vinha ao cerebro, qual mais bello e risonho, qual mais arrebatador, achegou-se perplexo, inclinou-se cauteloso e beijou-lhe tremulo, levemente, os rubros labios.

Mas o contacto humano, por mais ligeiro e leve, nunca é menos sensivel, nem mais agradavelmente suave que o doce bafejar das auras frescas e matutinas dos vastos descampados. E Lalá, ao contacto de seus labios despertou, passou os pequenos e delicados dedos, sobre os olhos, volveu-os, em torno de si e, surpreza, ruborisou-se vendo junto de si, mudo e risonho, o apaixonado Cleto.

Ergueu-se rapidamente e, fugitiva, a sorrir, desceu a collina, dizendo que ia contar á sua mamãi tudo qanto se passára.

Eleonora Celia
filhinha do nosso companheiro Carlos Maul

E o pobre Cleto, só e triste, viu-a sumir-se através outeiros e valles florescentes, impassivel sempre aos seus olhares supplices e ao affecto ardente de sua alma.

II

Os camponeos ainda jovens, que desde a sua infancia viveram no campo, são geralmente timidos e sinceros, principalmente no que diz respeito aos sentimentos que nascem no coração.

Cleto, o nosso personagem, era de naturesa rustica quanto ao seu physico e ao seu viver; mas, bem se o podia estimar; porque, moralmente, era de bons sentimentos e tratavel tanto quanto bastava, para logo conquistar a sympathia de todos.

Franco e activo, elle imaginára, desde que amára a sua bella serrana, um futuro todo florido e venturoso.

Quando Lalá, fugindo, lhe disse que ia contar tudo á sua mamãi, Cleto impressionou-se.

—Ella iria mesmo contar tudo á sua mãi? pensou elle comsigo. Mas que tão grande crime terá sido o meu para que me sujeitem a uma sentença tremenda? Oh! é impossivel! sua mãi não será tão implacavel **assim**, que **não** reconheça as nossas condições naturaes e a sinceridade do meu affecto . . . E, pensativo lá se foi, continuando a pascer o seu rebanho, prado em fóra, até que desappareceu além, através os montes.

III

Lalá, a mimosa camponea, era bella, sentia em pleno peito o palpitar fremente de seu coração cheio de vida e de amor; e, por isso, nada revelou á sua mãe, do que occorrera. Cleto estimava-a—pensou ella por seu turno queria-a muito, bem o adivinhava seu coração. Para que

maguar seu bom companheiro de campo? Seu delicado amigo de todas as manhãs, que a distrahia com alegres conversações? Mas, não mais consentiria que lhe beijasse, isso não! Era feio. Era audacia que não devia permittir. Essas eram as suas ponderações, convencendo-se de que sua mãi nada deveria saber; ao contrario, naturalmente perdoaria a Cleto o seu gesto impulsivo.

E resoluta, retrocedendo, deixou-se vencer pelo seu coração de moça que aspira aos desejos ignotos e incomprehensiveis á sua juventude.

IV.

No dia seguinte, pela manhã, encontraram-se ambos, Lalá e Cleto. Ella simulando que o não vira, afastou-se; e ia o seu caminho, quando Cleto embargou-lhe os passos, saudando-a delicadamente:

— Bom dia, Lalá. Ainda está muito zangada commigo?

— Não estou zangada comtigo. Mas devias ser punido como merecias, porque hontem foste audacioso de mais aproveitando-te de estar eu adormecida para me beijares.

— Oh! minha Lalá, não o fiz por mal; bem sabes que te quero muito... Não pude conter-me e... era impossivel verte assim tão bella sem te beijar. Foi uma loucura minha, bem sei. Mas tu vales muito mais do que a minha loucura... E's bella, és moça, és encantadora. Poderia eu, porventura, ser calmo diante de ti, eu que te adoro, minha Lalá?

— Ora, os homens são sempre os mesmos: calmos, só têm a maior indifferença por nós moças; loucos, só procuram saciar a sua loucura para, momentos depois, zombarem de quem os fez loucos...

— E's cruel, Lalá, para mim. Coração de camponio é coração de rocha. Tu és minha; e para te provar, vou te pedir em casamento á tua mãi, queres?

— Ah! si assim fosse... Acreditaria em ti...

— Basta, Lalá, basta. Hoje mesmo conversarei com tua mamãe.

— Palavra, Cleto?...

— Palavra de Cleto, que te quer profundamente.

E, pouco depois, partiram ambos a dar contas dos seus affazeres, trocando osculos nas pontas dos dedos.

***

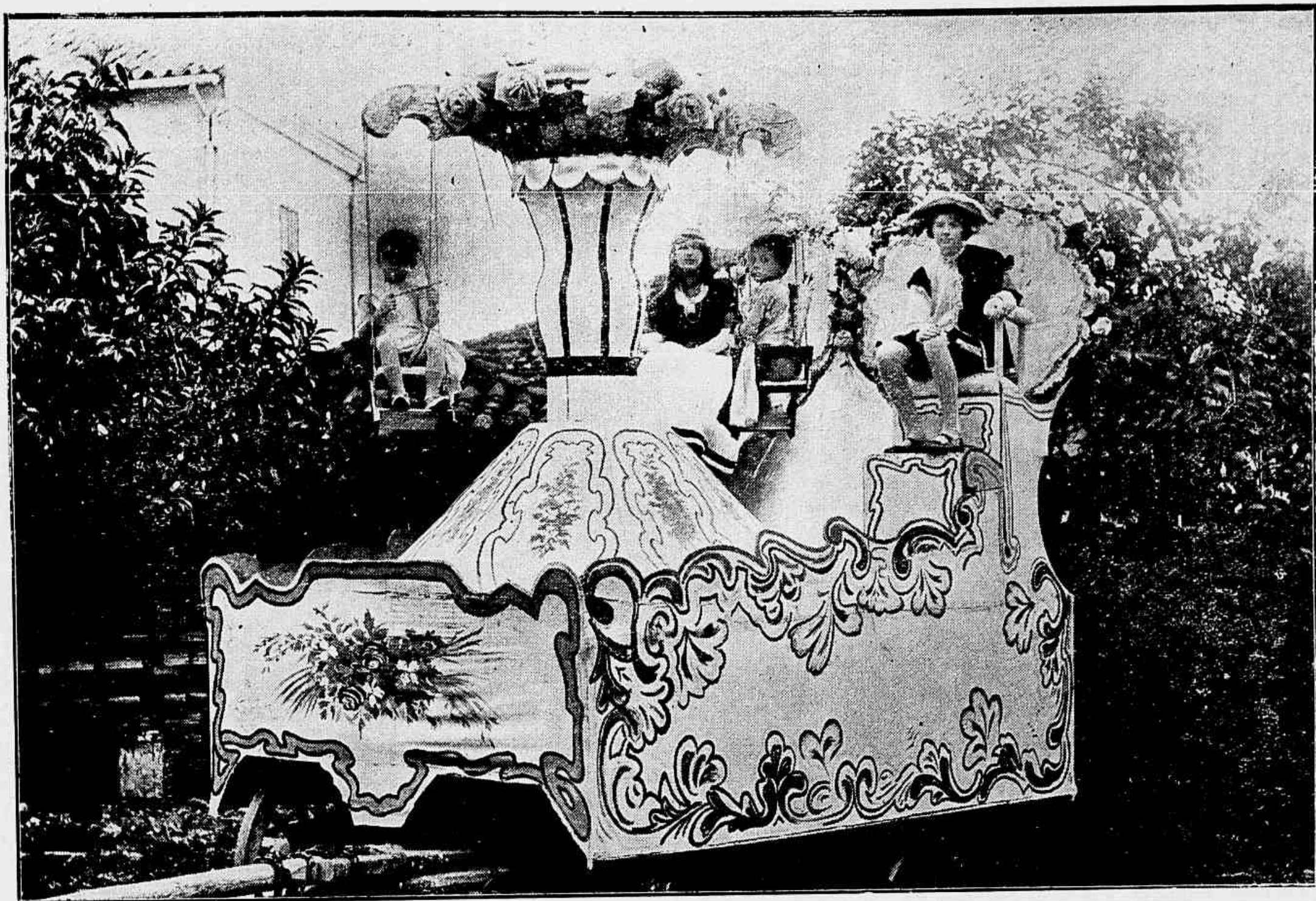
Os tempos passavam calmos. E elles sempre juntos, ao surgir das manhãs, pousados na relva virente do campo, como um casal de aves mansas, gosavam a maior ventura, que lhes deu o matrimonio, pois o amor de Cleto á Lalá foi commentado e recebido com immensa alegria, dessa alegria que se póde imaginar na gente simples do campo.

Cleto e Lalá viviam como duas ingenuas e despreoccupadas creaturas, para as quaes nada de grandioso haveria no mundo, desde que não fosse o seu amor, em sua plenitude e grandeza, que provocava inveja a quem os visse na vida quotidiana e commum do campo.

ANTONIO MELGAÇO.

O CARNAVAL EM S. JOÃO NEPOMUCENO

Carro alegorico da actualidade — *Refrigerante do calor*, do Club Carnavalesco Democraticos de S. João

O CARNAVAL EM S. JOÃO NEPOMUCENO

Carro allegorico *Proezas de Cupido*, do Club Carnavalesco Democraticos de S. João

A' senhorita Olivia M.

RECORDAÇÃO, saudade que se aviventa, flor quasi amortecida por longo estio e que de novo desabrocha cheia de viço e louçania acalentada pelo brilho de um só olhar!

Oh! se me lembro!...

Era ao pôr do sol. Do poente, brandos fios de ouro vinham entrelaçar-se e confundir-se com os teus lindos cabellos. De teus olhos se desprendia um brilho sem igual. Um pallido sorriso sahia por entre os teus carminados labios. A briza embalava meigamente as pequenas rozeiras.

Assim a Natureza embellezava com outros e novos encantos a sua obra primorosa.

Assim te vi a primeira vez!...

Oh, se me lembro ainda!

Falámos de cousas simples, do sol que se afundava na immensidade do Oceano, da lua que já se ostentava donairosa para a encaminhada da noite, depois da flor... a flor branca que eu colhi no jardim... E, dessa flor foi que o nosso amor nasceu!

Depois veio o estio, a separação, a ausencia. Que longa noite de longo soffrimento! Até que um dia o nosso olhar se tornou a encontrar e o meu coração despertando cheio de esperança, ama-te desvanecidamente.

Rio, 26—1—15.

B. LUCIO.

IR a presença do juiz ou do vigario e jurar que se amará sempre a pessoa com quem se casa, é cousa tão temeraria como tomar formal empenho de querer ter febre durante a vida inteira.

A modestia é de algum modo o pudor do espirito.

Albertina na costura

Meu Papae não quer que eu ame
O primo Juca, essa é boa!
Como se acaso meu primo
Fosse alguma cousa atôa!

Não estuda, nem faz caso
Das lições que os mestres dão
Que culpa tem primo Juca
De não gostar da lição?

Esses mestres! esses mestres!
Nos seus tempos de estudantes
Eram assim como o primo
E hoje? Que petulantes!

Não estuda o primo Juca?
O que lhe falta saber?
As cartinhas que me escreve
Tem tanto! tanto que vêr!

Ah mestres! mestres! vós todos
Não sabeis uma lição
Daquellas que o primo Juca
Tem dado ao meu coração!

SOPHIA.

✻ DE TUDO UM POUCO

Côr artificial das flores

Para se conseguir a côr purpurina, prepara-se a massa, de que tratámos no numero anterior desta revista, com pau Brazil, obtendo-se por esse meio lindissimos lyrios dessa côr.

O carvão vegetal, empregado nas mesmas condições, torna as dhalias, as rosas e as petunias um pouco mais escuras nas suas côres naturaes.

Caso se consiga o florescimento dos jacinthos, póde-se dar-lhes a côr encarnada, empregando carbonato de soda.

O peroxido de ferro, que se dissolve lentamente, produz um colorido azul mais intenso que o sulfato de ferro.

O Foot-Ball

O foot-ball, genero de sport, diffundido hoje por toda a parte não é, como a muitos póde parecer, um jogo moderno.

Desde tempos immemoriaes já era conhecido em alguns departamentos da França.

E' um jogo antigo, restos do culto solar.

A bola, representava o astro do dia. Era jogada para o ar como para fazel-a tocar no Sol e em seguida os jogadores disputavam-n'a como um objecto sagrado.

E' bem o caso de dizer que realmente nada de novo existe sob o sol.

O apetite das aranhas

O famoso sabio John Lubboch, bem conhecido por seus trabalhos sobre insectos, publicou os resultados de seus estudos relativos ás aranhas.

Depois de haver pesado cuidadosamente muitos desses insectos antes e depois de suas *refeições*, chegou a seguinte conclusão:

Com igual peso, um homem adulto para comer a mesma quantidade que uma aranha, deveria devorar dois bois inteiros, treze carneiros, uma duzia de porcos e quatro barris de peixe e tudo isto em quatro horas.

Portanto, d'oravante não se deverá dizer mais «uma fome de lobo, mas uma fome de aranha,»

E' mais original e mais justo.

RECEITAS

Licor de café— Café torrado 50 partes, alcool a 85° 940 partes, assucar 60 partes, agua 62 partes. Junta-se ao alcool o café, addicionam-se, passados oito dias, as outras substancias; e filtra-se.

Licor de morangos — Alcool 200 grammas, morangos frescos 200 grammas, agua fria 300 grammas, assucar (branco) 220, esmagam-se os morangos e mergulham-se no alcool. Passados quinze dias de contacto, côa-se o liquido e filtra-se. Dissolve-se á parte o assucar na agua e reunem-se os dois liquidos obtidos, clarificando depois com clara de ovo.

Licor de baunilha— Alcool 2 200 grammas, assucar 1.250 grammas, agua 6.700 grammas, tintura de baunilha 100 grammas, tintura d' estoraque 15 grammas.

Loção para o rosto - Agua de rosas, 1 litro; glycerina chimicamente pura, 6 grms.; sub-borato de soda (borax), 1 grm.

Para impedir a queda dos cabellos — A formula seguinte gosa de muita nomeada pelos seus effeitos garantidos.

Salicylato de méthyle, 10 grms.; Vaseline liquida, 10 grms.

Bem misturados faz-se uma unica applicação á noite.

Depois lava-se a cabeça com boa agua de quina.

Croquettes de Camarão — Esmagam-se bem os camarões depois de cozidos em agua e sal. Bota-se pão de molho em quantidade menor da de camarões.

Faz-se um refogado com todos os temperos, collocam-se os camarões e o pão e mexe-se até ficar solto da panella; feito isto formão-se os croquettes, passando a massa em ovo batido e em pó de roscas. Frita-se depois em gordura bem quente.

CALÇADO
IDEAL

Nas casas:

Assembléa, 26

Esquina da Rua do Carmo

S. José, 34

e Carioca, 50

Entre amiguinhas

NINI — Ai Jesus! que soffro tanto
Co'a dor nos pés, infernal!

ESTHER — Sua tola! por que não compras
Do meu calçado — "IDEAL"?

Royal Trianon

PÓ PARA UNHAS

Não admiram o brilho de minhas unhas?

Querem andar com as unhas tão brilhantes, que chamem a attenção de todos?

Usem o pó que tem a excellencia no brilho o ROYAL TRIANON.

DEPOSITARIOS

J. RODRIGUES & C. — Rua Gonçalves Dias N. 59 e vende-se nas Drogarias, Pharmacias e Perfumarias: rua Gonçalves Dias, 41 e 50, Passeio, 59 e Luiz de Camões, 6

Preço 1$500 o vidro

Negocio muito serio

E' a LIQUIDAÇÃO FINAL do antigo estabelecimento

1.° Barateiro

AVENIDA RIO BRANCO N. 100

580 contos

em mercadorias de superior qualidade que estão sendo vendidas por muito menos do custo.

Aviso Importante: Para que a venda do importantissimo stock existente neste estabelecimento seja feita rapidamente, receberei BONUS DO THESOURO FEDERAL por igual importancia em mercadorias.

PREÇO FIXO

O liquidatario, J. dos Santos Guimarães

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 31